

PUC
RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



NEIDE PEREIRA NOBREGA

DO CONCEITO DE REPRESSÃO EM FREUD E LACAN

MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICO-EXPERIMENTAL

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1975

CTCH Centro de Teologia e de Ciências Humanas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

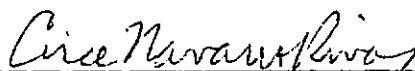
DO CONCEITO DE REPRESSÃO EM FREUD E LACAN

por

Neide Pereira Nobrega

Tese submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICO-EXPERIMENTAL



Circe Navarro Rivas
(Orientadora da Tese)

64

Rio de Janeiro, fevereiro de 1975.

.BC



24717 BC

150
N 754 d
TESE UC
UC - 15063-7

06

À Henrique, Lydia e Ronaldo -
pais e companheiro.

AGRADECIMENTOS

- A Circe Navarro Rivas, pela orientação dedicada;
- A Horus Vital Brazil, pelas sugestões e críticas;
- A CAPES, pelo apoio financeiro;
- Ao Departamento de Psicologia, pela possibilidade oferecida à realização do curso de mestrado.

SUMÁRIO

Neste trabalho é realizado o estudo da repressão (Verdrängung) em Freud e Lacan, conceito este fundamental na teoria psicanalítica segundo seu próprio criador.

As relações entre repressão e inconsciente, repressão e defesa, repressão e angústia, repressão e resistência foram temas de estudo no decorrer da obra freudiana, e são abordadas no presente trabalho.

É nos escritos metapsicológicos de Freud, principalmente em "Repressão" e "O Inconsciente", que se encontra a mais completa formulação do mecanismo da repressão, que é visto como comportando três momentos: repressão primária (Urverdrängung), repressão secundária (Verdrängung), retorno do reprimido.

A importância primordial desse primeiro momento está em ser aquele que institui a cisão consciente/inconsciente e também, porque é só a partir da repressão primária (Urverdrängung) que a repressão secundária (Verdrängung) vai ser possível. Mas os textos freudianos são obscuros e imprecisos no tratamento deste ponto.

É em Lacan que a repressão primária (Urverdrängung) vai receber uma formulação precisa e original.

Lacan faz uso do modelo linguístico, e sua obra se caracteriza pela proposta de um retorno ao sentido de Freud.

A inscrição do sujeito no registro simbólico da linguagem e da família, vai ser explicado através do complexo de Édipo. O acesso à ordem simbólica para Lacan, está simultânea e indissoluvelmente ligada à repressão primária (Urverdrängung) sendo esta constitutiva do sujeito.

ABSTRACT

In this work the concept of repression (Verdrängung) in Freud and Lacan is studied, as the central concept in the psychoanalytic theory. The relationships between repression and unconscious, repression and defence, repression and anxiety, repression and resistance, study themes for Freud, were also studied in this work.

It is in the papers on metapsychology of Freud, specially in "Repression" and in "The Unconscious" that the most complete formulation of the mechanism of repression, can be found. It comprises the phases, primal repression (Urverdrängung), repression proper (Verdrängung), return of the repressed.

The importance of the first stage lies in its responsibility in splitting conscious (Cs.) and unconscious (Ucs), and in enabling the secondary repression to take place. But the Freudian literature is both obscure and inaccurate in this subject. Lacan was the first to formulate the primal repression in a precise and original fashion. He utilizes a linguistic model and his work is characterized by the proposal to return to the Freudian sense.

The insertion of the individual in the symbolic record of the language and of the family, is explained in terms of the Oedipus complex. The access to the symbolic order is simultaneous and permanently connected to the primal repression, and that constitutes the individual.

ÍNDICE

	<u>Pág.</u>
INTRODUÇÃO -	1
CAPÍTULO 1 - Da Importância do Conceito de Repressão na teoria Psicanalítica	3
CAPÍTULO 2 - Repressão e Inconsciente	14
CAPÍTULO 3 - Repressão e Angústia	27
CAPÍTULO 4 - Repressão e Defesa	39
4.1 Repressão e Recusa (Verleugnung).....	43
4.2 Repressão e a De-Negação (Verneigung)...	47
CAPÍTULO 5 - Repressão e Resistência.....	50
CAPÍTULO 6 - Conceitos Fundamentais em Linguística ..	56
CAPÍTULO 7 - O Conceito de Repressão e a Teoria de Jacques Lacan	74
CONCLUSÃO -	98
BIBLIOGRAFIA	103
APÊNDICE -	112

INTRODUÇÃO

A teoria da repressão segundo as palavras de Freud "é a pedra angular em que assenta todo o edifício teórico da psicanálise"²⁵.

As primeiras referências à repressão já se encontram no trabalho de 1893⁷, escrito em colaboração com Breuer. Desde seu aparecimento, a noção de repressão surge como correlativa da de inconsciente, sendo que o termo reprimido será, durante algum tempo, na obra freudiana, sinônimo de inconsciente⁵⁸. Embora o sentido próprio da repressão (Verdrängung) seja a operação pela qual o indivíduo procura afastar ou manter afastada da consciência determinados elementos, algumas vezes nos textos freudianos^{5,7,8} o termo repressão é usado numa acepção que o aproxima da noção de defesa.

É nos seus escritos metapsicológicos^{23,24} que Freud apresenta uma teoria articulada da repressão, na qual especifica três tempos: repressão primária (Urverdrängung), repressão secundária (Verdrängung), retorno do reprimido.

A repressão incide sobre os representantes da pulsão, sendo que o que é reprimido é o representante ideativo, enquanto que o afeto pode sofrer diversas transformações^{23,24,34,37}.

Ao ver a repressão (Verdrängung), como processo em que se aliam duas forças, uma de atração e outra de repulsão, se torna necessário postular a existência do núcleo inconsciente que funcione como polo de atração. É com a repressão originária (Urverdrängung) que Freud explicará a formação de um 1º núcleo inconsciente.

Apesar da importância primordial da repressão primária (Urverdrängung) na teoria freudiana, na medida

que é o primeiro momento da repressão, e principalmente, por possibilitar a cisão inconsciente consciente, os trabalhos de Freud mostram-se obscuros a esse respeito^{23,48}.

O conceito da repressão primária será retomado por Lacan, que dentro da sua formulação teórica, verá a repressão primária como constitutiva do sistema inconsciente, e que está ligada indissolavelmente ao acesso à linguagem e à ordem simbólica. Para este autor a constituição do sujeito (sujet), que é possibilitada pela repressão primária (Urverdrängung), estão indissolavelmente ligadas uma separação (inconsciente, consciente) e uma alienação, pois o indivíduo só atinge sua identidade e seu desejo no campo do Outro (a ordem simbólica).

CAPÍTULO 1

DA IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE REPRESSÃO NA TEORIA PSICANALÍTICA

Vários são os lugares e as épocas em que a importância e a centralidade do conceito de repressão (Verdrängung) na teoria psicanalítica são enfatizadas pelo próprio Freud. Refere-se à teoria da repressão como sendo a que possibilitou a passagem do método catártico à psicoanálise 21,30.

Strachey ⁶⁹ na introdução ao trabalho de Freud de 1915, ao delinear a cronologia do termo repressão, nos diz que este remonta aos inícios da psicoanálise e que temos a primeira referência a este termo na "Comunicação Preliminar"⁷ de 1893. Quanto à origem do termo "Verdrängung", informa-nos que este já tinha sido utilizado pelo filósofo do início do Século XIX, Herbart, e que este termo pode ter chegado a Freud através de seu professor Meynert, que fora admirador de Herbart. Porém em sua "História do Movimento Psicanalítico" ²¹, Freud coloca que "a teoria da repressão veio a mim independentemente de qualquer fonte"²¹ (p. 985) Strachey ressalta que o termo realmente usado nos "Estudos sobre a Histeria"⁷ não é repressão mas "defesa", e que neste período inicial, os dois termos são, indiferentemente, usados por Freud quase como equivalentes e refere-se ao artigo sobre "Sexualidade nas Neuroses"¹⁶, em que seu próprio autor diz que o termo "repressão" passou a ter um uso muito genérico e a ser empregado em lugar de "defesa". Seria só em 1926, em "I.S. e A."³⁴, que o termo defesa (Abwehr) é retomado, e que repressão passa a ser um particular mecanismo de defesa.

A esta argumentação de Strachey, quanto ao uso "indiscriminado" dos termos de defesa e repressão por Freud, se contrapõem Laplanche e Pontalis⁵⁸, que dizem que embora a partir de 1900 (Interpretação dos Sonhos), o termo defesa seja menos frequentemente utilizado, ele está longe de se esfacelar como o próprio Freud pretendeu em "Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses"¹⁶. Para Laplanche e Pontalis, defesa sempre conservou o caráter de generalidade que falta ao termo repressão, e este nunca perde sua especificidade, como ficaria explicitado nas ocasiões em que Freud trata das defesas secundárias (defesas contra o sintoma), onde nunca as qualifica como "repressões secundárias" (Verdrängung).

Se, como diz Freud, "as teorias da resistência e da repressão, do inconsciente, da significação etiológica da vida sexual e da importância dos acontecimentos infantis, são os elementos principais do edifício teórico psicanalítico"³⁰ (p. 1028), estes elementos e sua articulação se fazem presentes desde os primeiros trabalhos de Freud, e a centralidade e importância do conceito de repressão se expressa pelas sucessivas elaborações, que recebeu na obra freudiana.

Da colaboração entre Freud e Breuer, aparece em 1893 um artigo, "Comunicação Preliminar"⁷, onde, segundo Strachey,^{68, 69}, aparece pela primeira vez o termo "reprimido" (Verdrängt). Neste trabalho sobre a histeria os sintomas histéricos são vistos como dependentes de cenas traumáticas, cenas estas onde houve reação ou ab-reação in suficientes devido a dois motivos: ou os pacientes não reagiram porque a natureza da situação excluía a reação adequada, ou porque se tratava de coisas que o paciente desejava esquecer e, portanto "reprimia intencionalmente, de seu pensamento consciente"⁷ (p. 29). Os fenômenos histéricos se relacionam a cenas traumáticas, situação em que um acontecimento é acompanhado por um afeto penoso, onde uma

quantidade de excitação não encontra derivação pelas vias motoras adequadas. Tais cenas, das quais os pacientes não tinham lembrança demonstravam estarem intactas, e, quando de seu retorno mostravam-se com toda a força afetiva de uma experiência nova.

Para Breuer, essas cenas esquecidas passavam a constituir um segundo grupo psíquico, e esta tendência à dissociação se devia a que essas cenas se davam em "estados hipnóides", ou seja, estados de debilitamento de consciência semelhantes aos que se observa em indivíduos sob estado de hipnose. Freud não aceita tal explicação para a dissociação presente nos histéricos, como também não aceita a posição de P. Janet, que via a dissociação como decorrente de uma incapacidade constitucional à síntese psíquica, a "diátese histérica". Para Freud, o fato dos fenômenos histéricos surgirem simultaneamente à constituição de um grupo psíquico separado, e que o enfermo oponha resistência à associação deste grupo psíquico ao restante da consciência, deve ser explicado ao mesmo tempo, ou seja, o motivo da dissociação é "a defesa do ego contra tal grupo psíquico de representações, incompatível com ele". O mecanismo de conversão faz com que o que seria um insuportável estado psíquico, seja evitado às custas da dissociação da consciência e de um padecimento físico (o sintoma histérico). Devem ser considerados como traumáticos aqueles momentos em que surgem as representações intoleráveis, que são logo "reprimidas". Nestes aparece a conversão que resulta da transformação do afeto correspondente à representação reprimida. Os sintomas histéricos têm um sentido e uma significação, e a descoberta dessa significação é acompanhada da supressão do sintoma. O tratamento da histeria se fazia através do método catártico de Breuer, pelo qual se procurava trazer as "reminiscências" à consciência, o que liberava o paciente do trauma e lhe permitia descarregar adequadamente o afeto, que até en

tão se explicitava no sintoma histérico.

Para Freud, "Psicoterapia da Histeria"⁷, todas essas "representações patógenas esquecidas" tinham em comum o fato de serem de natureza penosa, apropriadas para despertar afetos desprazerosos. Estas representações intoleráveis ao ego, despertavam nele uma "energia de repulsão" visando sua defesa. Essa defesa atinge seu propósito na histeria, pois a representação é expulsa da consciência e da memória. Essa força psíquica que excluiu da associação essa representação se opõe a seu retorno à memória, e quando é feito um esforço de atenção em direção a essa representação, a mesma força psíquica que se manifestara como repulsa antes da gênese do sintoma, se apresenta agora como "resistência". E a representação se tornou patógena "precisamente por ter sofrido repulsa e repressão" ⁷ (p. 111). O processo de repulsa debilita a representação, despojando-a de seu afeto.

Esse processo de repulsa recebe o nome de defesa, e depois de "repressão". Em "Estudos de Histeria"⁷, ambos os termos são utilizados, mas aqui repressão implica numa forma específica de defesa. Embora "defesa" já tivesse aparecido na "Comunicação Preliminar"⁷, como uma das formas pelas quais um acontecimento pode se tornar traumático, para Breuer prevalece a hipótese dos estados hipnóides, fato que vai concorrer para a separação entre Freud e Breuer. Este não concorda com Freud em que uma representação se torna patógena quando seu conteúdo repugna ao indivíduo, que recorre à defesa. Mas para Wollheim ⁷¹, é possível que a cisão Breuer/Freud se deva, principalmente, à crescente ênfase que Freud vinha atribuindo ao papel da sexualidade na etiologia das neuroses.

Em "Neuropsicoses de Defesa" ⁵ Freud propõe distinguir das histerias hipnóides e das de retenção, a histeria de defesa, na qual os pacientes tinham conservado sua

saúde psíquica até o momento em que surgiu em sua vida psíquica uma representação intolerável, que despertando um afeto penoso leva o indivíduo a "decidir" esquecê-lo. Tais representações intoleráveis surgem, em geral, "da experiência ou sensibilidade sexuais"⁵ (p. 174). Para conseguir o desejado esquecimento, o ego, que quer considerar essa representação como não existente, debilita a representação despojando-a de seu afeto, isto é, "da magnitude de estímulo que traz consigo"⁵ (p. 175). A representação assim debilitada não aspira à associação, mas a magnitude de estímulo que foi dela separada encontra um emprego (na histeria, a conversão). Freud então afirma que o fator característico da histeria não é dissociação da consciência, mas a "faculdade de conversão".

Neste trabalho,⁵ Freud afirma que é comum às histerias, às representações obsessivas, e a muitas fobias, separar a idéia da magnitude de estímulo, e que elas diferem no distinto emprego que fazem desta magnitude de estímulo. Em todos os casos de representações obsessivas, observa Freud, se devia à vida sexual o caráter penoso da representação que o sujeito tenta afastar, e que muitas vezes, os próprios pacientes revelavam o esforço, a tentativa de defesa na direção do afastamento de tal representação. Vê-se aqui que a defesa é vista como iniciada por um ato de vontade, mas não como um processo consciente, pois, afirma Freud, que tanto a separação entre a idéia e o afeto correspondente, como o enlace deste (no caso das obsessões), a uma outra representação adequada mas não intolerável, "são processos que se desenvolvem sem que a consciência tenha noção deles"⁵ (p. 176).

Se para a escola de Charcot a causa da histeria está na herança, sendo outros fatores considerados como meros "agents provocateurs", para Freud, como para Breuer, "os sintomas da histeria derivam sua determinação de certos acontecimentos de efeito traumático, vividos pelo en-

fermo como símbolos mnêmicos que são reproduzidos na vida anímica do mesmo" ⁷ (p. 132). Mas ressalta Freud, que a referência de um sintoma histérico a uma cena traumática só permite um progresso na compreensão etiológica da histeria se a cena cumpre duas funções: possui adequação determinante e força traumática. O que acontece numerosas vezes é que a cena não cumpre essas funções, e quando a análise do sintoma o refere a uma cena carente dessas condições, o efeito terapêutico é nulo. A análise também mostra que nunca um sintoma histérico surge a partir de um único acontecimento real mas sempre se liga à causação do sintoma, a recordação de acontecimentos anteriores, associativamente despertada, e que somente mediante a colaboração de recordações é que podem surgir sintomas históricos. No trabalho clínico, ao seguir as concatenações de recordações associadas, e qualquer que seja o sintoma de que se tenha partido, "sempre se chega ao terreno da vida sexual, e mais especificamente, a acontecimentos experimentados na puberdade" ⁷ (p. 135). Mas, em alguns casos tais acontecimentos carecem de "força traumática" ou de "adequação determinante", e então é necessário buscar-se a determinação de tais sintomas em cenas anteriores à época da puberdade, ou seja, chega-se à primeira infância. Esses acontecimentos infantis apresentam uma natureza uniforme, não são recordações de uma impressão sensorial qualquer, mas sim de "experiências sexuais no próprio corpo de um comércio sexual (em sentido amplo)... Em todo caso de histeria se ocultam um ou vários acontecimentos de experiência sexual precoce" ⁷ (p. 137).

A explosão da histeria pode ser atribuída a um conflito psíquico, em que uma representação intolerável provoca a defesa do ego, sendo que como resultado dessa há o afastamento para o inconsciente da lembrança dolorosa ao ego, e a criação, em seu lugar, do sintoma histérico. Essa "defesa consegue expulsar da consciência a representação intolerável quando a pessoa está até então, integrada na qualidade de recordações inconscientes, cenas sexuais infantis, e

quando a representação a ser expulsa pode ser enlaçada, lógica ou associativamente, a tal acontecimento infantil" ⁷ (p. 141). Portanto não é suficiente a existência de acontecimentos sexuais na infância, mas é necessário que tais cenas existam em termos de "recordações inconscientes". Os sintomas histéricos derivam-se de "recordações inconscientemente ativas".

Sintetizando podemos dizer que, para a produção de um sintoma histérico é necessário que exista uma tendência defensiva contra uma representação penosa, esta tem de estar ligada lógica e associativamente a uma recordação inconsciente cujo conteúdo tem de ser necessariamente de natureza sexual, e estar relacionado a algo acontecido no período infantil.

Em "A Sexualidade na Etiologia das Neuroses" ¹⁰, Freud reafirma que todos os casos de neurose possuem uma etiologia sexual, sendo que na neurastenia os fatores sexuais são conhecidos pelo paciente e são atuais, isto é, pertence ao período que se estende a partir da maturidade sexual; e nas psiconeuroses os acontecimentos não pertencem à atualidade da vida do sujeito, mas à sua primeira infância, e que foram "sô em parte" esquecidos pelo paciente.

É em "Recordações Encobridoras" ¹¹ que Freud discute a relação que parece haver entre a aderência à memória e a importância psíquica de um acontecimento no homem normal, contrapondo-se ao fato de que o histérico apresenta uma amnésia, total ou parcial, dos fatos que provocaram a sua enfermidade e que, por isso mesmo, adquirem grande importância. Para Freud parece haver uma analogia entre a amnésia patológica e a que incide nos anos infantis, o que fornece um indício significativo entre o conteúdo da neurose e da vida infantil.

Uma questão que se coloca é sobre o conteúdo das primeiras recordações do período infantil, que em geral, se

localizam depois dos dois anos de idade. O que é intrigante, diz Freud, é que nas recordações da infância, os conteúdos destas são impressões cômicas e indiferentes, que não poderiam ter provocado afeto na criança, e que apesar disto se conservam com todos os detalhes; enquanto que outros acontecimentos da mesma época, que segundo relato dos pais, causaram grande impressão na criança não foram retidos. Uma hipótese, que explicaria a insignificância das recordações da infância, é que se conservou somente parte da situação total e que os elementos esquecidos comporiam a importância do fato parcialmente conservado pela memória. Para Freud é mais exato dizer que esses elementos foram "omitidos" e não "esquecidos", e que a constituição da recordação é resultante de duas forças psíquicas, uma que dado a importância do acontecimento quer recordá-lo, a outra, uma resistência, se opõe a esse propósito. Essas duas forças não se anulam e o conflito se resolve com a constituição, não de uma imagem mnêmica justificada, mas de outra indiferente, produto de "um deslocamento associativo"¹¹ (p. 179). Essa substituição é levada a efeito porque há um afeto penoso que motiva a repulsa de tais passagens, mas como "não é possível reprimir os motivos que impõem a continuação desse pensamento"¹¹ surge uma transação que consiste em fazer surgir na memória, com intensidade e clareza patológicas, passagens indiferentes. O processo descoberto - "conflito, repressão e substituição transacional"¹⁰ (p. 159) - segundo Freud, retorna em todos os sintomas psiconeuróticos e dá a chave de formação dos mesmos. E o fato de que no homem normal esse processo incide sobre as recordações do período infantil, constitui mais uma prova da íntima relação entre a vida anímica da criança e o material psíquico da neurose.

Esses produtos transacionais, que apresentam grande aderência à memória e conteúdo insignificante são chamados por Freud de recordações encobridoras, ou seja, uma memória cujo valor mnêmico não está no conteúdo expresso,

mas em outro conteúdo que foi reprimido. Da investigação minuciosa dessas infidelidades de memória descobre-se seu caráter tendencioso, e que elas estão a serviço da repressão e substituem impressões repulsivas ou desagradáveis.

Em 1905¹⁵ (p. 789-802), Freud comenta o tratamento negligente que a vida sexual da criança recebe nos trabalhos que são dedicados à infância, e que quando há algum relato de atividade sexual precoce é para acentuar a excepcionalidade ou curiosidade de tais eventos. Tais trabalhos parecem corroborar a visão popular sobre o assunto, cuja tônica está em ver as pulsões sexuais como ausentes na infância. A razão de tal negligência, para Freud, deve ser buscada não apenas em considerações convencionais dos autores, decorrentes de sua própria educação, mas principalmente, no fenômeno psíquico que tem escapado a toda explicação: a amnésia dos anos infantis, que costuma ocultar à maioria dos homens os primeiros anos de suas vidas.

O fato de que as impressões dessa época foram esquecidas não as impede de deixarem profundas marcas na vida psíquica e de constituírem uma determinante do desenvolvimento posterior. Então, não se deve tratar de uma verdadeira desapareição, mas sim de uma amnésia análoga a que se encontra nos psiconeuróticos, e que consiste na exclusão de impressões penosas da consciência, isto é, em sua repressão. As forças que realizam a repressão das impressões infantis estão vinculada às emoções sexuais da infância. Para corroborar essa afirmação, Freud mostra que a amnésia histórica, que ocorre a serviço da repressão, só é explicável porque o indivíduo possui um acervo de traços de memória, que foi subtraído à disposição consciente, os quais atraem, por laço associativo, aqueles elementos sobre os quais as forças da repressão estão engajadas em repelir da consciência. "Sem amnésia infantil, não existiria a amnésia histórica"¹⁵(p.790). A essa afirmação Freud acrescenta uma nota em 1915 em que diz que o mecanismo da repressão só pode ser entendido le-

vando-se em conta dois processos concorrentes, um de atração, outro de repulsão.

A concepção dos sintomas histéricos como derivações diretas de lembranças reprimidas de experiências sexuais infantis, vai ser modificada por Freud, em 1905, "Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses" ¹⁶, onde o fator "traumático" perde sua força porque revela-se muito difícil saber se as recordações eram decorrentes de acontecimentos reais, ou se as fantasias, devidas à defesa contra a própria atividade sexual. Assim os "traumas sexuais infantis" são substituídos pelo "infantilismo da sexualidade" ¹⁶, e a frequente iniciação sexual precoce, também deixa por terra o valor atribuído à influência acidental da sexualidade na causação da neurose, e a possibilidade de encontrar uma relação constante entre o tipo de experiência sexual infantil e a eleição do tipo de neurose.

Da investigação de sujeitos normais, viu-se que a história sexual destes não difere essencialmente da dos neuróticos, e então o importante na determinação da neurose não são as excitações sexuais experimentadas na infância, mas se estas sofreram ou não repressão. A neurose se deve a uma repressão excessiva das tendências libidinosas, a normalidade resulta da repressão de certas pulsões parciais e de determinados componentes das disposições infantis e da subordinação dos demais à primazia das zonas genitais a serviço da reprodução; enquanto a perversão corresponde à perturbações dessa síntese. ¹⁶ A importância da libido na causação das neuroses é, uma vez mais ressaltada em 1912, "Sobre os Tipos de Aquisição de Neurose", pois a neurose passa a ser vista como consequência de um aumento de libido que o ego não consegue dominar, provocando um conflito entre este e a libido, sendo que entre as condições de saúde e enfermidade não há diferença qualitativa, e aqueles que conseguem manter a saúde psíquica são aqueles que conseguiram dominar a libido sem ter de recorrer a uma repressão excessiva.

siva.

A repressão, mecanismo presente tanto na vida psíquica dos sujeitos normais como na dos neuróticos, vai ter sua elaboração mais completa em dois trabalhos de 1915 "Repressão" ²³ e o "Inconsciente" ²⁴.

CAPÍTULO 2

REPRESSÃO E INCONSCIENTE

Um organismo recebe estimulações a partir de duas fontes: do mundo externo e do próprio interior do organismo. Frente a uma estimulação exterior, que se mostra desagradável, o organismo pode apresentar um comportamento de fuga, furtando-se a essa influência. Mas, quanto a uma estimulação a partir do próprio interior do organismo, tal possibilidade, a de fuga, não existe. Então, para a supressão de tal estimulação é preciso empregar outros mecanismos. A essa estimulação interna, contra a qual a fuga é inoperante, dá-se o nome de excitação, que se diferencia de um estímulo (que provém do mundo exterior), por atuar como uma força constante e não como um impacto momentâneo. Para se atingir a satisfação de uma pulsão é preciso haver uma adequada alteração da fonte interna de estimulação. Essas diferentes estimulações, ou seja, o do estímulo (fonte externa) e o da pulsão é que vão permitir que se estabeleça para o organismo a diferenciação entre o mundo externo e o mundo interno.

A pulsão "é um conceito limite entre o mental e o somático, como o representativo psíquico dos estímulos que se originam no interior do organismo, e que atingem a mente em consequência da conexão entre esta e o corpo" ²² (p.1037).

Os termos usados em relação à pulsão são:

Fonte: Corresponde ao processo somático, localizado em um órgão ou parte do corpo, que é representado na vida mental pela pul-

são. Seu estudo não pertence à psicologia.

Objeto: aquilo através do qual a pulsão alcança sua satisfação. Este enlace, pulsão e objeto, não é originário, podendo o objeto ser substituído, e sendo que um mesmo objeto pode satisfazer várias pulsões.

Urgência (peremptoriedade): a soma de força ou a exigência de trabalho que representa.

Fim: é a satisfação da pulsão, que é conseguida com a remoção da fonte de excitação da pulsão.

A divisão das pulsões compreende dois grupos: pulsões do ego (ou de conservação), e pulsões sexuais*. Tal divisão, que deve ser vista como simplesmente "uma hipótese de trabalho", está fundamentada no estudo das neuroses de transferência que mostrou que na raiz dessas afecções havia sempre um conflito entre as aspirações da sexualidade e as do ego.

As pulsões sexuais se caracterizam por serem numerosas, procederem de várias fontes, atuarem de modo autônomo em relação umas às outras, sendo sua síntese atingida só num estado superior de desenvolvimento. Seu fim é sempre a consecução do "prazer-orgânico"²² (p. 1039), e só após realizada a síntese das pulsões parciais é que entram a serviço da procriação. Caracterizam-se, ainda, pela facilidade com que se substituem mutuamente, e pela facilidade na mudança de objetos.

As pulsões sexuais podem estar, no decorrer do desenvolvimento, e durante toda a vida do indivíduo, sujeitas a várias vicissitudes: transformação no contrário, voltar-se contra o próprio sujeito; sublimação e repressão.

* Esta divisão, em pulsões do ego e pulsões sexuais, é, posteriormente, abandonada por Freud.

Este trabalho restringir-se-á ao estudo desta última, ou seja, a repressão, e será baseado nos artigos "Repressão"²³ e "O Inconsciente".²⁴

Para que uma pulsão seja objeto de repressão é necessário que a sua satisfação provoque desprazer ao invés de prazer. Freud pergunta-se como a satisfação pode provocar desprazer, se a satisfação de uma pulsão é sempre prazerosa. A resposta é encontrada na experiência clínica, que mostra que a satisfação da pulsão, que está submetida à repressão, é prazerosa em si, mas que ela mostra-se inconciliável com "outras aspirações e intenções".

Para que a repressão seja possível, diz Freud, é preciso que já tenha se estabelecido uma clara separação entre a atividade mental consciente e inconsciente, e que "a essência da repressão está em afastar, e manter afastada do consciente determinados elementos"²³ (p.1046). Esta condição e o mecanismo aqui explicitados por Freud, apesar de serem referidos à repressão, são parecem válidos para o que Freud chama "repressão propriamente dita", e não a repressão como um todo.

A repressão que incide sobre a representação de uma pulsão, se constitui em três momentos, ou fases:

Repressão primária (primitiva ou originária) (Urverdrängung): a representação de uma pulsão vai ser vedado o acesso à consciência. A pulsão, de que se trata vai permanecer ligada a essa representação, produzindo-se assim o que Freud chama de fixação.

Repressão secundária (ou posterior, ou propriamente dita) (Verdrängung): vai incidir sobre as ramificações da representação primitivamente reprimida, ou sobre as representações, que embora de diferentes origens, entraram em conexão associativa com a originariamente reprimida. Há aqui um duplo processo que alia a atração do primariamente re -

primido à repulsão da instância superior.

Retorno do reprimido: em que ramificações do reprimido conseguem o acesso à consciência.

O primeiro momento, tem importância fundamental, pois, apesar de anteriormente ter sido dito que a repulsão só é possível a partir da divisão consciente, inconsciente, vê-se que é a repressão originária (Urverdrängung) que inaugura o inconsciente, que é através dela, que se constitui um núcleo de representações inconscientes que funcionará como polo de atração a outras representações a reprimir. E é a repressão originária (Urverdrängung) que vai permitir a repressão propriamente dita (Verdrängung).

Enquanto a primeira incide sobre representações que nunca tiveram acesso à consciência, a segunda recai sobre representações que estão atualmente conscientes, ou em vias de sê-lo.

A manutenção da repressão exige um gasto contínuo de energia, pois à pressão constante do inconsciente tem de ser contraposta uma contínua pressão contrária. O reprimido, ou suas ramificações, conseguem ter acesso à consciência de acordo com as deformações, e os elementos que lhe forem interpolados. A resistência da consciência dependerá do grau de deformação, que apresenta o reprimido, e da distância que mostra em relação ao que está inconsciente. É porém difícil dizer o grau de deformação e distância do inconsciente necessários para que seja possível o acesso à consciência. Assim, diz Freud, a repressão se caracteriza por ser "altamente individual", isto é, incide diversamente sobre as diferentes ramificações do reprimido, e tem extrema mobilidade. O destino de uma representação inconsciente, mas não reprimida, dependerá de "seu grau de atividade ou caxete" sendo o fator quantitativo decisivo para o conflito, na medida em que a repressão só será atuante se uma representação, que é inconciliável com o que está na consciência, atingir uma certa intensidade.

Neste ponto em que o fator quantitativo passa a ser o mais importante para a repressão, não fica claro se para uma representação ser inconsciente, preconsciente ou consciente, dependerá meramente, da quantidade de catexes inconscientes, conscientes, ou preconscientes. Este ponto não é elucidado neste artigo (Repressão)²³, mas vão ser elaboradas em outro²⁴ lugar diversas hipóteses para explicar as "qualidades de consciência", assim como a diferenciação sistêmica, entre consciente, inconsciente e preconsciente.

Da observação clínica, impôs-se a necessidade de considerar a representação da pulsão não como "entidade única", mas como constituída por um representante ideacional e outro elemento, "quota de afeto", cuja expressão se dá em processos "que são sentidos como afetos". Esses dois elementos sucumbem à repressão, mas seguem caminhos diversos. Enquanto que o da representação ideacional não é outro se não desaparecer da consciência, ou ser impedida de ter acesso a esta, se estava em vias de tê-lo, o destino do fator quantitativo (afeto) pode ser triplo: suprimido, não deixando nenhum vestígio observável; aparecer sob a forma de outro afeto qualquer; ou ser transformado em angústia. Apesar de ser enfatizado de que essas duas últimas possibilidades devam ser vistas como "uma nova vicissitude da energia psíquica" da pulsão, e de colocar essa triplíce possibilidade, esta não se mantém porque posteriormente Freud afirma que "É possível que o desenvolvimento do afeto proceda diretamente do sistema Ics.; neste caso o afeto sempre terá o caráter de angústia, pelo qual todos os afetos "reprimidos" são substituídos"²⁴ (p. 1057).

Se o motivo e o propósito da repressão é evitar o desprazer, então é mais importante, o destino do montante de afeto, do que o da idéia. Pois se com a repressão não for possível evitar o desprazer, pode-se dizer que esta fracassou, mesmo que tenha atingido seu propósito quanto à idéia.

Como a repressão cria regularmente formações substitutivas e sintomas, Freud coloca a necessidade de estabelecer diferença ou diferenças entre o mecanismo da repressão, os da formação de substitutivos, e os da formação de sintomas. Conclui que tanto a formação de substitutivo, como a de sintomas são índices de um retorno do reprimido e, portanto, diferem do mecanismo da repressão. Se há vários mecanismos da formação de substitutivos, e vários mecanismos da repressão entre estes o que é comum é: "a retirada de catexe de energia (ou de libido, quando se trata de pulsões sexuais)"²³ (p. 1049).

Se é a partir da retirada de catexe que uma representação antes consciente ou capaz de consciência, se torna reprimida, ou seja, inconsciente, e correlativamente de catexada, este mecanismo não parece válido para a repressão primária, pois nesta não é possível retirar uma catexe, que parece não existir, pelo fato dela não ser, como também não ter sido nunca consciente, nem de ter essa possibilidade. Faz-se necessário aqui, colocar-se as várias hipóteses que Freud²⁴ levanta para explicar a característica de consciência ou inconsciência de uma representação, ou seja os "vários sentidos do inconsciente".

Embora o atributo "ser consciente" é uma característica somente do psiquismo, não é suficiente para caracterizá-lo. Se o inconsciente compreende atos que são latentes, e portanto são temporariamente inconscientes, também engloba outros, como os reprimidos, que diferem muito dos anteriores. É preciso estabelecer o uso das palavras "consciente" e "inconsciente", quando tem um sentido sistemati-

Observação: 1. Dizer que na repressão, a representação ideacional e o afeto correspondente tem destinos distintos, é adequado do ponto de vista descritivo, mas em realidade, o afeto só aparece no sistema Cs. quando encontra uma representação que lhe é adequada.

co ou descritivo, ou seja, quando indica a pertinência a um sistema, ou quando se refere a um estado ou característica. Admitindo que um ato psíquico passa geralmente por duas fases, entre as quais há uma censura, na primeira ele é inconsciente e pertence ao sistema Ics. (Inconsciente); se ao ser examinado pela censura, lhe for vedado passar à segunda fase, diz-se que foi "reprimido" e assim permanece inconsciente. Se consegue chegar à segunda fase, diz-se que pertence ao segundo sistema, o Cc. (Consciente), mas pertencer a tal sistema não significa ser atualmente consciente, mas "capaz de se tornar consciente", ou seja, se tornará consciente sem que lhe seja oposta uma resistência especial; diz-se que tal ato é preconsciente. Haverá, então, uma censura bastante atuante na transição do sistema Ics. ao Pcs. (ou Cc.).

O estabelecimento desses sistemas fornece uma topografia psíquica, e permite dizer em que ou entre quais sistemas se dá um determinado ato psíquico.

A passagem de uma representação psíquica do sistema Ics. ao Cc. (ou Pcs.) é acompanhada por uma nova inscrição, que passa a existir ao lado da inscrição inconsciente original, ou a mudança de estado de uma representação ideativa, consiste "numa mudança envolvendo o mesmo material e ocorrendo na mesma localidade?"²⁴ (p. 1055).

Embora Freud considere, a segunda hipótese, que chama de funcional, a priori a mais provável, também a vê como menos plástica. Quanto à primeira, a topológica, isto é, a possibilidade de que uma representação possa existir simultaneamente em duas localidades psíquicas, é a inicialmente adotada por Freud, que baseando no seu trabalho clínico, nos diz que ao descobrir e comunicar ao paciente uma idéia, por ele reprimida (portanto, que lhe é inconsciente e pertence ao Ics.), e o fato de que esta idéia lhe é agora consciente, não consegue levantar a repressão, o qual só é conseguido quando a idéia consciente entra em conexão com a inconsciente, o que só é possível através do levantamento das re-

sistências, e que se completa ao tornar consciente a representação inconsciente.

Se a repressão consiste na retirada de catexe, é preciso estabelecer em que sistema se realiza tal retirada, e a que sistema pertence a catexe retirada. Se uma representação reprimida continua em atividade no sistema Ics., como é atestado pela criação de ramificações e pelo estabelecimento de conexões com outros sistemas, ela deve ter, portanto, conservado sua catexe e o que foi retirado deve ser outra coisa. No caso da repressão propriamente dita (*Verdrängung*), pode-se dizer que consistiu em retirar da representação a catexe (Pre)consciente, isto é, pertencente ao sistema Pcs. (Cc.). A idéia a ser reprimida, então, ou recebe catexe do Ics., ou retém a catexe do Ics. que já possuía; ou há substituição da catexe preconsciousa por uma inconsciente. Aqui fica claro que cada sistema tem a sua disposição catexes e, que a passagem da representação de um sistema a outro dependerá não de uma nova inscrição, mas de uma mudança de estado, de "uma alteração em sua catexe". Assim, a afirmação de que "na repressão há sempre retirada de catexe"²⁴ (p. 1065), deve ser entendida como retirada da catexe do sistema Pcs. (Cc.) e manutenção ou recebimento da catexe do sistema Ics. Mas isto só é válido para a repressão de representações conscientes e preconsciousas, ou seja, para a repressão secundária, pois como a representação sobre a qual incide a repressão primária nunca chegou ao sistema Pcs. (Cc.), esta não possui catexe deste sistema.

Se a representação reprimida recebeu catexe do sistema Ics. como se explica sua manutenção neste sistema, pois se ela está catexada seria esperado que tentasse penetrar no sistema Pcs. (Cc.); assim como a manutenção da repressão primária só seria possível pela contínua retirada de catexe Pcs. (Cc.), o que é impossível na repressão primária. Então é necessário que haja um processo que mantém a repressão secundária e torna possível a primária. Este processo consiste

na "admissão de existência de uma anticatexis"²⁴ (p.1058), pela qual o sistema Pcs. se protege da pressão exercida pela representação inconsciente. O mecanismo da repressão originária é o de anticatexe, enquanto na secundária, associa-se a este a retirada de catexes do sistema Pcs.

Esta concepção de ver a repressão como retirada de catexes do sistema Pcs., recebimento, ou manutenção, no caso da repressão originária, de catexes do sistema Ics. e o emprego de anticatexe, por parte do sistema Pcs. constitui a nova hipótese de Freud, a que ele chama de funcional, para explicar não só a repressão, mas também para caracterizar as representações como inconscientes, preconscientes e conscientes. Esta hipótese funcional anula, por sua vez, a hipótese de diferentes inscrições proposta anteriormente.

Ao se falar em representações pode-se dizer que são inconscientes ou conscientes, quanto às pulsões esta antítese não é aplicável. Uma pulsão só pode ser objeto de consciência, através do representante ideativo que a representa, e dizer que uma pulsão é inconsciente significa, simplesmente, que é o seu representativo ideacional que é inconsciente. Mas a uma pulsão corresponde dois componentes: um representante ideacional e uma quota de afeto. É equívoco empregar o termo inconsciente, referindo-se à quota de afeto, e quando se o emprega, é para referir às vicissitudes decorrentes da repressão, cujo principal objetivo é suprimir ou impedir o desenvolvimento de um afeto. Se é possível que o desenvolvimento de um afeto se inicie no sistema Ics., é, entretanto, necessário, para conseguir exprimir-se que encontre uma representação no sistema Cc.

Os sistemas Ics., Pcs., Cc., apresentam características que são próprias e, às vezes, exclusivas a cada um. O sistema Ics. se caracteriza por ser constituído por representações de pulsões que buscam descarregar suas catexes. As descargas procedentes do sistema Ics. se expressam através da inervação somática levando ao desenvolvimento de afetos, mas essas descargas podem se deparar com resistên

cias do sistema Pcs. Mas as representações do sistema Ics. não se influem mutuamente, e estão isentas de contradições. Se duas pulsões demonstram fins irreconciliáveis, elas não se anulam, mas sim encontram um fim intermediário através de uma representação, graças aos processos de deslocamento e condensação, que constituem o processo primário (mobilidade das catexes), dominante neste sistema. Os processos do sistema Ics. são atemporais, pois a passagem do tempo não exerce nenhuma influência sobre eles e, como estão sujeitos ao princípio do prazer também não têm relação com a realidade (externa).

Seria inexato limitar a comunicação dos sistemas Ics. e Pcs. (Cc.) ao ato da repressão, pois entre eles pode haver cooperação que pode se expressar nas ramificações do sistema Ics., que estão constantemente sob a influência do Pcs., assim como, também, influenciam este sistema (Pcs). E mesmo ao sistema Cc. podem chegar ramificações de representações inconscientes, como as formações substitutivas, se coincidirem com uma catexe do Pcs.. Este acesso à consciência não implica no levantamento da repressão, mas é apenas um efeito temporário e específico a uma determinada representação.

Uma grande parte dos elementos que constituem o sistema Pcs. origina-se no Ics., e antes de passarem ao sistema Cc. têm de vencer a uma censura, o que faz necessário admitir-se, além da censura existente entre os sistemas Ics. e Pcs., outra entre os sistemas Pcs. e Cc. Então a passagem de um sistema a outro, sempre inclui uma censura, e, torna patente que o caráter de consciência não constitui um critério suficiente para a diferenciação dos sistemas. "Assim, a consciência (consciousness) não repousa numa relação simples com os diferentes sistemas e com a repressão" ²⁴ (p. 1067) e o tornar-se consciente dependerá de uma "hipercatexação" ²⁴ (p. 1067).

Se é possível que o sistema Ics. influencie os ou

tros dois sistemas, é duvidoso que haja possibilidade de influência por parte destes sobre aquele, e o que se pode afirmar, diz Freud, é que se o tratameno psicanalítico ba - seia-se em exercer influência sobre o sistema Ics. a partir do Cc., uma alteração daquele por este em outras condições, que não a situação terapêutica, é um processo muito lento e difícil. E o que se evidencia em casos patológicos é que o sistema Ics. mostra-se não susceptível à influên - cia, e mantêm uma grande independência em relação aos outros sistemas.

É a partir do estudo da esquizofrenia, principalmente o das características das formações substitutivas e dos sintomas nesta afecção que a hipótese funcional que substituira a topográfica vai dar lugar a outra na explicação das diferenças entre representações conscientes e inconscientes.

No estado inicial da esquizofrenia são observadas uma série de modificações na linguagem, cuja característica mais marcante é a desestruturação da frase, tornando-a ininteligível, e aparecendo nesta, frequentemente, referên - cia a órgãos somáticos e inervações, o que leva Freud a dizer que a frase do esquizofrênico apresenta "um traço hipo - condriaco: ela tornou-se uma linguagem dos órgãos" ²⁴ (p. 1065). As palavras ficam submetidas ao processo primário, apresentando deslocamento e condensação. E é a semelhança entre as expressões verbais que determinam sua substituabi - lidade e não a analogia do conteúdo expressado.

Destas observações Freud conclue que na esquizo - frenia, os objetos não estão totalmente decatexados, como antes acreditara, pois as representações verbais dos objetos continuam a ser catexados. Então faz-se necessário ver a representação consciente como composta de dois elementos: a representação verbal (Wortvorstellung ou Sachvorstellung) e a representação de objeto (Dingvorstellung) sendo que o que diferencia uma representação consciente de uma inconsciente, não são dife -

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
R. 3069/17.7.73

rentes estados funcionais de catexe, nem diferentes inscrições em distintas localidades, de um mesmo conteúdo, mas sim o fato de que uma representação consciente integra a representação de objeto e a representação verbal que lhe corresponde, enquanto que uma representação inconsciente se limita à representação de objeto.

Enquanto o sistema Ics. contém as catexes de representações de objeto (Dingvorstellung), o sistema Pcs. surge quando a representação de objeto é hipercatexada através de sua conexão com a representação verbal. E o que a repressão nega às representações reprimidas, nas neuroses de transferência "é a sua tradução em palavras, sendo que tais representações permanecem ligadas aos objetos. A representação que não é colocada em palavras, ou um ato psíquico que não é hipercatexado, permanece no Ics., num estado de repressão" ²⁴ (p.1067).

Com esta nova hipótese parece que Freud retoma a hipótese de diferentes inscrições como caracterizando as representações inconscientes e conscientes, e que apesar de não serem idênticas, pois uma é a de objeto e a outra verbal, têm em comum referirem-se ao mesmo objeto. O que diferencia esta hipótese da anterior é a natureza das inscrições da hipótese atual. Mas ao apresentar esta hipótese Freud não deixa claro como se estabelece a conexão entre as representações de objeto e as representações verbais, se esta se deve a diferentes estados funcionais de catexe ou não. Também ao descrever a repressão, termo que novamente só parece englobar a repressão secundária, Freud não especifica qual o mecanismo que permite essa separação, ou seja, o que faz com que não seja possível a união da representação de objeto com a verbal, sendo que parece neste ponto insinuar-se a hipótese colocada em "Repressão" ²³, que vê o "caráter" de consciência como decorrente da quantidade de catexe que uma representação contém, na medida em que o aparecimento do sistema Pcs. é visto como resultando de uma

hipercatexa possibilitada pela união da representação de o jeto com a verbal.

Quanto à repressão primária (Urverdrängung), que tinha na hipótese funcional a explicação mais completa, quando esta foi abandonada, não foi explicitada nas outras hipóteses propostas.

E se a repressão secundária só é possível a partir da exata separação entre os sistemas inconsciente e consciente, e se a delimitação precisa e definitiva entre os conteúdos desses sistemas só se estabelece com a puberdade ³⁴, o momento em que a repressão secundária passa a ser possível é um dos pontos obscuros destes textos.

CAPÍTULO 3

REPRESSÃO E ANGÚSTIA

O tema da angústia e de sua relação com a repressão são, ampla e detalhadamente, discutidos em "Inibição, Sintoma e Angústia" ³⁴ temas que passaremos a examinar.

Em "Repressão" ²³ havia sido colocado a necessidade de se separar, no material a ser reprimido, dois componentes, ou seja, a representação ideativa da pulsão e o montante de afeto correspondente, sendo que cada um desses componentes teria um destino. Quanto ao destino do montante de afeto se colocara que havia três possibilidades: ser cortado seu desenvolvimento, ser transformado em um afeto qualquer, ou ser transformado em angústia; mas essa proposição é modificada em "O Inconsciente" ²⁴, onde se afirma que o montante de afeto de representações reprimidas sofre transformação em angústia.

E em "Inibição, Sintoma e Angústia" ³⁴ a questão da transformação de um montante de afeto em angústia é colocada em outros termos, ou seja, abandona-se a hipótese de que a catexe que é retirada da representação a reprimir seja transformada em angústia, porque afirma Freud, a angústia é consequência de elevada quantidade de catexe, e um simples processo de retirada de catexe não pode ser responsável pelo aparecimento de angústia. A angústia que aparece na repressão deve ser vista como a reprodução de um estado afetivo, o qual se encontra incorporado à vida psíquica como um resíduo de acontecimentos traumáticos primitivos, resíduos estes que são reativados quando situações atuais assemelham-se a tais situações traumáticas primitivas.

vas. A angústia é a reprodução de uma vivência anterior, experienciada numa situação onde houve elevada quantidade de catexes, que gerou um estado desagradável, e "a angústia nunca nasce de libido reprimida" ³⁴ (p. 42).

A angústia é uma reação afetiva do ego a uma situação sentida como perigosa, sendo que os sintomas podem ser vistos como uma tentativa de evitar a situação perigosa sinalizada pelo desenvolvimento da angústia. Mas, diz Freud, ainda não é possível estabelecer com exatidão a relação entre a angústia e a formação de sintomas e, ao mesmo tempo, parece pouco provável que uma neurose possa surgir de um fato perigoso objetivo, sem que haja nenhuma participação das camadas inconscientes mais profundas. Quanto à relação do desenvolvimento de angústia e a formação de sintomas, são possíveis duas opiniões: uma, que a angústia é vista como um sintoma de neurose; outra, que considera que o fim de toda formação de sintomas é o de dissipar a angústia, pois os sintomas ligam as catexes que de outro modo seriam descarregadas em forma de angústia. Essa última posição, que vê na angústia o fenômeno fundamental e principal problema das neuroses teria em seu apoio o fato de que muitos dos atos obsessivos pretendem e mesmo conseguem evitar explosões de angústia. Mas como o desenvolvimento de angústia está ligado à existência de uma situação perigosa, seria mais adequado dizer que os "sintomas são criados para livrar o ego de tal situação" ³⁴ (p. 58), e se a formação de sintomas chega a ser obstruída, o perigo realmente se faz presente, pois se constitui uma situação traumática análoga a do nascimento, na qual o ego se acha impotente frente às crescentes exigências pulsionais, ou seja, a primeira e a mais primitiva das condições de angústia. Assim, o desenvolvimento de angústia inicia a formação de sintomas e constitui a premissa necessária para tal, e o ego só consegue deter o processo pulsional sentido como ameaçador, ao despertar a instância prazer-desprazer, através da qual tenta limitar o desenvolvimento de angústia a um mínimo, a

um mero sinal. A relação entre a produção de sintomas e o desenvolvimento de angústia é "a de se representarem e de se revelarem mutuamente" ³⁷ (p.917).

A angústia com que o ego reage a uma situação sentida como perigosa difere da angústia frente a uma situação de perigo objetivo, porque o conteúdo daquela é inconsciente, e chega à consciência deformado e disfarçado. A situação perigosa assinalada nas psiconeuroses é o medo à castração, a qual não está presente nas neuroses traumáticas, sendo que nestas a situação perigosa decorre do fato de que os dispositivos protetores contra os estímulos externos são inoperantes, o que permite que cheguem ao aparelho psíquico magnitudes extraordinárias de excitação, o que leva a considerar a angústia que aparece nas neuroses traumáticas, não como uma sinalização efetiva de perigo, mas como angústia criada sobre a base econômica (excesso de excitação) da situação. A angústia deixa de ser um sinal efetivo de perigo para ser uma reação a uma perda ou aviltamento, que se constitui no perigo ao qual o ego reage.

A angústia é um estado afetivo, que como sensação apresenta um caráter desprazeroso, o qual lhe é conferido por um traço especial, ou seja, correspondem à angústia sensações físicas precisas, que estão referidas a determinados órgãos e inervações motoras, isto é, processos de descarga. A angústia é um estado desprazeroso especial, com atos de descarga por vias determinadas. O estado de angústia é a reprodução de uma experiência que integra tanto as condições de aumento de excitação, como a descarga por determinadas vias, sendo que tal experiência prototípica nos seres humanos se constitui pelo nascimento, o que leva a ver tal estado afetivo como uma reprodução do "trauma do nascimento". A angústia aparece como reação a uma situação perigosa e se reproduz quando novamente tal situação se apresenta. Mas se o perigo do nascimento carece de conteúdo psicológico, porque o recém nascido só percebe uma extraor

dinária "perturbação de sua libido", é preciso definir o que é sentido como perigo. Segundo Freud, das várias situações em que uma criança mostra angústia, aquelas que se mostram mais inteligíveis, são aquelas em que há a percepção da ausência de um objeto (a mãe), o qual lhe satisfaz as necessidades, e a situação que sente como perigosa e contra a qual quer assegurar-se é a de insatisfação, "a do crescimento de tensão de necessidade" ³⁴ (p.55), na qual se percebe impotente. A situação de insatisfação gera grandes magnitudes de estímulo, situação análoga a do nascimento, pois em ambas se cria uma "perturbação econômica" (crescimento de tensão de necessidade), pelo aumento das magnitudes de estímulo. Com a vivência de que um objeto externo pode terminar com a situação perigosa, que assemelha-se a do nascimento, há o deslocamento do conteúdo do perigo, que passa da perturbação econômica para a sua condição, ou seja, a perda do objeto. O perigo passa a ser a ausência da mãe, e quando se adverte tal situação, dá-se o sinal de angústia antes que se configure a temida perturbação econômica. Tem-se aqui, a passagem da angústia automática para a reprodução intencional da angústia para sinalizar um perigo, sendo que nestas duas possibilidades, seja como fenômeno automático ou como sinal, a angústia decorre da "impotência psíquica" vivenciada.

Freud assinala que se antes, em "Repressão" ²³ e "O Inconsciente" ²⁴ se colocara que na repressão a catexe retirada da representação a reprimir era derivada em angústia, isso agora carece de importância, pois a angústia da repressão não mais é vista como decorrente de um processo econômico, mas sim como um sinal intencional do ego, o que a torna independente de toda relação econômica, sinal pelo qual tenta influir no suceder psíquico, através da instância prazer-desprazer. E se na repressão é possível que o ego utilize a catexe tornada livre para despertar o afeto de angústia, para Freud perde todo interesse saber qual a parte de catexe que é utilizada para tal fim. Outro ponto

que merece atenção, segundo Freud, é a afirmação de que o ego é a sede de angústia, pois embora encontra-se, frequentemente, no id, a preparação ou o desenvolvimento de processos que vão gerar no ego explosões de angústia, sendo mesmo que "as repressões primárias assim como parte das repressões posteriores que são levadas a efeito têm origem em angústias do ego frente a processos desenvolvidos no id" ³⁴ (p. 56). Faz-se necessário distinguir duas situações: a partir do id há a ativação de uma situação que é sentida pelo ego como perigosa, o qual pelo sinal de angústia tenta inibir tal desenvolvimento; ou, se constitui no id uma situação análoga a do nascimento, que faz surgir, automaticamente, a reação angustiosa. A etiologia das psiconeuroses corresponde ao primeiro caso, e a das neuroses atuais ao segundo. Depara-se aqui, com a retomada de uma posição anteriormente abandonada, ou seja, a da transformação de libido em angústia, pois Freud volta a afirmar que a não elaboração psíquica da excitação sexual, o que se verifica nas neuroses atuais, dá origem a gênese direta, automática, de angústia por transformação de libido, isto é, quando se configura para o ego um estado de impotência em relação a uma extraordinária tensão de necessidade há o aparecimento de angústia, sendo bastante provável que seja exatamente o excesso de libido não adequadamente utilizado que encontre sua descarga no desenvolvimento de angústia.

Mas no apêndice de "Inibição, Sintoma e Angústia" ³⁴, Freud afirma que a transformação de libido em angústia perde grande parte de sua importância, pois essa transformação não tem nenhuma participação na angústia como sinal, provocada pelo ego, assim como nas situações perigosas que levam o ego a iniciar a repressão. A importância do afeto de angústia está no fato de se reconhecer a angústia como reação geral ao perigo, e o papel do ego como sede da angústia se confirma ao se atribuir a ele a possibilidade de produzir este efeito de acordo com suas "necessidades". Então se deve reconhecer duas gêneses para a angústia, uma

involuntária (sem a participação do ego), que sempre está economicamente justificada, que decorre de uma situação análoga ao do nascimento (a angústia automática, ou econômica); a outra é a angústia sinal provocada pelo ego que se submete a esta "como a uma vacina" ³⁴ (p. 66).

Se a angústia sinal é aquela que é produzida pelo ego frente a situações que sente como perigosas, é preciso especificar o que constitui uma situação perigosa e qual é o nódulo dessa significação. Tais situações são as chamadas traumáticas, onde o "sujeito a partir da estimação de sua força frente à magnitude do perigo reconhece a sua impotência" ³⁵ (p. 852). O essencial no nascimento, como em toda situação de perigo, é que provoca na vida anímica um estado de grande excitação, que é sentido como desprazer e que o sujeito não pode dominar com sua descarga. "Se a tal estado no qual fracassam os esforços do princípio do prazer, dermos o nome de fator traumático, chegamos através da série-angústia neurótica, angústia real, situação de perigo - à seguinte conclusão: o temido, o objeto de angústia é a aparição de um fator traumático que não pode ser anulado, segundo as normas do princípio do prazer... o princípio do prazer não nos assegura contra os danos objetivos, mas somente contra determinado dano de nossa economia psíquica ..., e a magnitude do montante de excitação faz de uma impressão um fator traumático, paraliza a função do princípio do prazer e dá à situação de perigo, sua significação" ³⁷ (p. 922).

A angústia aparece frente a uma pulsão, porque esta se torna um perigo, porque a sua satisfação traria um perigo exterior, ou seja, "porque o perigo interior representa um perigo exterior, sendo que na situação traumática, na qual o sujeito sente-se impotente, coincidem o perigo exterior e o interior, o perigo real e a exigência da pulsão. A situação perigosa é a situação de impotência reconhecida, recordada e esperada. A angústia é a reação primitiva à impotência no trauma, reação que é então reprodu-

zida na situação perigosa, pois o ego que experimentou a angústia no trauma, passivamente, tenta repeti-la agora, ativamente na tentativa de dirigir-lhe o curso. "A angústia sinal é por um lado uma espera do trauma, e por outro, sua vivência mitigada" ³⁷ (p. 918).

Para Freud a cada época do desenvolvimento corresponde uma situação adequada a uma condição de angústia, isto é, uma situação perigosa, assim: a época de falta de maturidade do ego corresponde o perigo da impotência psíquica; a de falta de independência dos primeiros anos infantis ao perigo da perda do objeto; a fase fálica, ao perigo de castração; a época de latência, o medo ao superego. No decorrer do desenvolvimento do ego uma situação perigosa é desvalorizada e substituída por outra, mas várias situações perigosas e as condições de angústia correspondentes podem subsistir em épocas posteriores às adequadas, ou ainda, agirem simultaneamente. Também, algumas situações perigosas se mantêm e passam a épocas posteriores, modificando a sua condição de angústia, como por exemplo, o medo a castração pode modificar-se em medo a contração de sífilis; e, ainda, outras condições podem acompanhar o homem por toda a vida, como o medo ao superego. É possível, coloca Freud, que existam intrínsecas relações entre uma situação perigosa e determinada forma de neurose. Assim considera que não há equívoco em ver o medo a castração como o motor dos processos de defesa que podem concorrer para a neurose. Em "Angústia e vida instintiva" ³⁷, afirma que, embora o medo a castração não seja o único motivo de repressão, é um dos motores mais frequentes e enérgicos da repressão e com isto da produção das neuroses. A diferença entre um neurótico e um indivíduo não neurótico, estaria na reação exageradamente intensa que o primeiro mostra frente a tais perigos.

Para o estudo do mecanismo da repressão, um ponto a destacar é que em "Inibição, Sintoma e Angústia" ³⁴, de-

vido à elaboração de uma nova topografia do aparelho psíquico, elaborada em 1923 em "O Ego e o Id"²⁶, a repressão vai ser tratada em termos de ego, id e superego e não mais em termos de sistemas Inconsciente, Preconsciente e Consciente, como o era anteriormente.^{7 23 24.}

O psiquismo, visto como uma organização, comporta três sistemas, ego, id e superego, cada qual tendo uma função específica, e que mantêm entre si uma relação espacial fixa ³⁵ (p.849). O ego é uma diferenciação do id, ou seja, a parte modificada pela influência do mundo exterior, e que funciona como mediador, de um lado, entre os estímulos e a percepção das necessidades físicas do indivíduo, e de outro, entre os estímulos e os atos motores que têm um propósito determinado (as ações específicas). Freud compara o ego a uma fachada do id, sendo pois a superfície e o id a profundidade, sendo que o ego se interpõe entre este e a realidade externa. O ego tem regras de funcionamento distintas das do id, e procura atingir objetivos com meios específicos; o ego se caracteriza "por ser uma organização que aspira à unidade, à síntese, o que falta ao id"³⁵ (p. 849), No id não há conflitos nem contradições e as antíteses convivem lado a lado, chegando mesmo a realizarem transações.

Do ponto de vista dinâmico, as forças que atuam no psiquismo têm origem nos órgãos somáticos e expressam as necessidades físicas, e estas ao representarem estímulos para a atividade psíquica recebem o nome de pulsões (Triebe). A energia do id provém das pulsões, e a demanda destas é a sua satisfação. No id há o domínio do princípio do prazer, sendo que as pulsões buscam satisfação imediata, satisfação que encontra no ego um mediador que atua entre o id e o mundo exterior, pois o ego procura satisfação adaptando-se ao mundo exterior, ou atuando sobre este e modificando-o. O ego substitui o princípio do prazer pelo da realidade. A influência do ego sobre processos originados no id

se explica por sua relação com o sistema da percepção, pois o ego recebe tanto estímulos provenientes do interior do organismo, como do mundo exterior, e procura orientar o suceder psíquico. É precisamente o sistema perceptivo que permite a diferenciação entre o ego e o id, entre os quais não há oposição natural, são partes de um todo e, diz Freud, que em casos de saúde, são praticamente indifereciáveis. O ego goza de grande influência sobre o id, e pode dominá-lo "quando está totalmente organizado e tem acesso a todas as partes do id" ³⁵ (p. 851).

No decorrer do desenvolvimento, o indivíduo está sujeito a infinitos "traumas", e o ego ao perceber que se aproxima uma situação análoga ao trauma, assinala o perigo reproduzindo de modo abreviado as impressões experimentadas em tal situação, ou seja, através de um sinal de angústia. O ego frente a uma pulsão do id, cuja satisfação haveria de provocar uma situação traumática, e ao mesmo tempo, por não conseguir estancar o desenvolvimento de tal pulsão, se comporta frente a tal pulsão como se fosse um perigo externo, empreendendo uma espécie de tentativa de fuga, ou seja, o ego leva ao cabo uma repressão (secundária). O ego que domina tanto o acesso à motilidade, como o acesso à consciência, na repressão exerce sua influência nas duas direções; quanto à representação da pulsão ao não lhe permitir acesso à consciência, e sobre o montante de afeto ao lhe negar passo à ação. Na repressão (Verdrängung) se evidencia, ao mesmo tempo, a força e a fraqueza do ego em relação às pulsões do id, porque ao inibi-las em seu desenvolvimento, estas continuam a existir fora e independentemente da organização do ego, pois na repressão (Verdrängung), "o ego segue o princípio do prazer que, em geral, costuma corrigir, e esta inconsequência lhe acarreta um dano, que consiste em limitar sua esfera de ação" ³⁵ (p. 852). As pulsões submetidas à repressão geram ramificações pelas quais procuram obter a satisfação que lhes foi vedada, ramificações estas que também exercem a-

tração sobre as partes do ego com que entram em contato, e além disso, elas conseguem burlar a vigilância do ego e ter acesso a este; essas representações apontam para a existência de uma pulsão, e denotam o retorno do reprimido. A atração que a pulsão reprimida exerce sobre os elementos com que entra em contato, se evidencia no trabalho terapêutico, quando apesar de se ter conseguido vencer as resistências que o ego opõe ao reprimido, não se consegue o levantamento da repressão, pois este só é completamente obtido quando se ultrapassou a resistência do id, que se manifesta na atração dos protótipos inconscientes sobre o processo pulsional reprimido. Com a repressão (*Verdrängung*), o ego se acha coartado em sua síntese, pois carece de influência sobre partes do id, que sofreram repressão as quais podem ter um desenvolvimento mais amplo, precisamente por estarem livres da influência do ego; também, muitas vezes, o ego tem de renunciar a certas atividades para evitar um novo choque com o reprimido. Quanto à formação substitutiva, algumas vezes o ego a incorpora, a qual passa a ter grande importância para este e pode mesmo representar um entrave ao tratamento terapêutico, que se evidencia na resistência ao abandono do sintoma; outras vezes, o ego pode achar na luta contra o sintoma a prossecução da defesa iniciada contra a pulsão (defesa secundária).

Em "Repressão" ²³, Freud colocara que a repressão era o modo pelo qual o ego, ao sentir que a satisfação de uma pulsão poderia resultar em desprazer, tenta impedir o desenvolvimento do processo pulsional. Em "Inibição, Sintoma e Angústia" ³⁴, é explicitado o significado desse desprazer. O ego ao advertir que a satisfação de uma pulsão provocaria uma situação perigosa, que é recordada, ele tenta anular essa pulsão, antecipando sua satisfação, e permitindo, assim, que se produzam as sensações desprazerosas da situação perigosa temida, o que constitui o sinal de angústia, o qual faz entrar em jogo o automatismo do princípio do prazer-desprazer, que leva a cabo a repressão. A u-

tilização do sinal de angústia para inibir o desenvolvimento de uma pulsão, segundo Freud, decorre da imaturidade do ego, pois só quando este atingiu pleno desenvolvimento e já incorporou tal pulsão é que consegue inibi-la, sem o auxílio da repressão, que é um meio ineficiente como atestam o retorno do reprimido e a formação de sintomas.

A repressão como um produto da angústia, e não o inverso como era anteriormente afirmado, é uma reformulação da maior importância no pensamento freudiano. Mas, tem-se que admitir que a angústia pode ter duas gêneses: uma, a angústia como consequência direta do fator traumático (angústia automática), e outra, como sinal da ameaça de repetição de tal fator (angústia sinal), sendo esta última a que aparece como o fator desencadeante da repressão. Mas, aqui se coloca o problema que este mecanismo da repressão como motivada pela angústia sinal só é válido para as repressões secundárias e não para as primárias, porque a angústia nestas, é conforme o protótipo do nascimento, e parece decorrer diretamente de fatores traumáticos, do choque do ego com uma exigência pulsional de primeira magnitude. É muito possível, afirma Freud, que os motivos da repressão primária "sejam fatores quantitativos, tais como uma extraordinária intensidade de excitação ou a ruptura da proteção contra os estímulos" ³⁴ (p. 34). A explicitação do mecanismo e motivos da repressão primária não é realizado por Freud, que apesar de ver a necessidade de um aprofundamento da questão pois as repressões secundárias requerem repressões primárias que lhes sirvam como polos de atração, afirma que o conhecimento sobre o assunto é insuficiente, e que não é possível afirmar-se, com segurança, se é o aparecimento do superego que cria a linha divisória entre a repressão primária e a secundária. Também, diz ele, seria errôneo exagerar o papel do superego na repressão, porque mesmo antes do aparecimento deste, "há explosões de angústia, muito intensas, e é muito provável que os motivos mais próximos à repressão primária sejam fatores quan-

titativos" ³⁴ (p. 34)

Se não é possível estabelecer os limites temporais entre a repressão originária e a secundária, quanto a esta última, Freud coloca a possibilidade de que esta seja uma defesa ligada à organização genital da libido e que antes dessa época, seriam outras as possibilidades de defesa em relação à pulsão. Dentre as defesas de que o ego pode lançar mão Freud vê a regressão como aquela capaz de resultar em efeitos mais enérgicos que os decorrentes da repressão, sendo que a utilização da regressão não exclue o da repressão, pois esta pode se seguir àquela. Como meios defensivos, há duas atividades que são vistas como 'subprodutos', e 'variantes' da repressão: o "isolamento" e "desfazer o acontecido". Se a repressão pode ser uma defesa ligada à organização genital da libido, Freud coloca também, a possibilidade de que cada tipo de neurose tenha adscrito um tipo específico de mecanismo de defesa, sendo que o da repressão seria característico da histeria.

CAPÍTULO 4

REPRESSÃO E DEFESA

Em um de seus trabalhos^{3º}, Freud diz que para o ego realizar sua tarefa que, em termos gerais, pode-se dizer que consiste em evitar o perigo, a ansiedade e o desprazer, utiliza vários procedimentos que são denominados "mecanismos de defesa". Foi a partir de um deles, o da repressão, que o estudo dos processos neuróticos teve seu ponto de partida, mas "nunca se duvidou que não era (a repressão) o único procedimento que o ego poderia empregar para seus propósitos"^{3º} (p.557).

Se nesta passagem está clara a pertinência da repressão à defesa, sendo este um conceito genérico que engloba a repressão (Verdrängung), sendo esta apenas uma de suas possibilidades, esta clareza, entre a generalidade da defesa e a especificidade da repressão, nem sempre se manteve na obra freudiana, sendo que em certos momentos pode-se mesmo dizer que tal distinção se perdeu.

Segundo Strachey^{6º}, no período inicial dos trabalhos freudianos, os dois termos, repressão (Verdrängung) e defesa (Abwehr), são usados indiferentemente, "quase como que equivalentes" sendo que o termo reprimido (Verdrängt) aparece pela primeira vez na "Comunicação Preliminar", naquilo que há de estar sem sentido psicanalítico, quando ao falar da impressionante conservação de memórias, de grande valor etiológico, memórias estas que corresponderiam a traumas, onde não houve suficiente ab-reação, pois a reação adequada a um trauma pode deixar de ocorrer por dois conjuntos de condições : porque a própria natureza do trauma ex-

cluiu uma reação, ou porque "se tratava de coisas que o paciente desejava esquecer, e portanto, eram intencionalmente reprimidas (Verdrängt) de seu pensamento consciente" ⁶⁸. O uso da palavra (Verdrängt) pelo próprio Freud está no seu primeiro artigo sobre neurose de angústia¹². O termo defesa (Abwehr) não ocorre na "Comunicação Preliminar" ⁷, sendo que aqui repressão é muitas vezes usado como equivalente de defesa. A primeira aparição desse termo (Abwehr) em Freud, está na parte I do primeiro artigo sobre neuropsicoses de defesa ⁵ (1894).

Há a notar, que nas suas primeiras aparições, o termo "reprimido" (Verdrängt) é acompanhado de advérbios como intencionalmente ("absichtlich") ou deliberadamente (Willkürlich), o que logo é abandonado, sendo que logo no início do seu segundo artigo sobre neuropsicoses de defesa ¹³ (1896), Freud afirma que "os sintomas de todas essas afecções (histeria, representações obsessivas e alguns casos de loucura alucinatória) são um produto do mecanismo psíquico da defesa inconsciente", o que parece indicar que os advérbios antes usados, apontavam para a existência de motivos e não da consciência de tais motivos.

Depois desse período inicial, segundo Strachey ⁶⁹, o termo defesa (Abwehr) desaparece, sendo usado o termo "repressão" (Verdrängung) para designar as medidas defensivas. Tal afirmação vai buscar apoio no próprio testemunho de Freud, quando diz que passará a usar "repressão" em lugar de defesa ¹⁶ (p. 942). O uso do termo repressão (Verdrängung), significando defesa, se explicitaria particularmente em "um caso de neurose obsessiva"³³, quando Freud fala da existência de "dois tipos de repressão", o que explicaria pois a diferença que se observa entre a amnésia que aparece na neurose obsessiva e a da histeria, porque naquela, a "repressão usa um mecanismo diferente" porque "em vez de esquecer o trauma, despojou-o de sua carga de afeto, de modo que na consciência permanece apenas um conteúdo ideológico indiferente, e que é julgado insignificante. A diferença está no processo psicológico que podemos construir,

por detrás de tais fenômenos. Mas o resultado é o mesmo por que o conteúdo mnêmico indiferente é reproduzido só raras vezes, e não desempenha nenhum papel na atividade consciente da pessoa"³³ (p. 732). Para Strachey, quando Freud fala sobre repressão quer significar principalmente aquela que ocorre na histeria, o que se explicitaria principalmente quando em "Inibição, Sintoma e Angústias" ele propõe restringir o termo repressão para este mecanismo particular e retomar "defesa" como designação geral para todas as técnicas que o ego faz uso em seus conflitos, que podem levar a neurose"³⁴ (p. 67).

Essa argumentação de Strachey é discutida por Laplanche e Pontalis⁵⁸, pois para estes o fato de Freud falar em repressão nas diversas psiconeuroses não implica que haja equivalência entre repressão e defesa, mas sim que aquela é "um dos momentos da operação defensiva, ou seja na aceção exata "de reprimido no inconsciente"⁵⁸ (p. 555). Para estes autores, apesar do testemunho do próprio Freud¹⁶ o termo "defesa" nunca desapareceu da obra freudiana, e sempre manteve a significação genérica, sendo que repressão nunca perdeu sua especificidade, e nem mesmo chegou a se confundir com um conceito englobante, que expressaria as técnicas que o ego utiliza em seus conflitos. Isto se evidenciaria nos próprios textos freudianos, pois quando nestes se fala das defesas secundárias (defesas contra o sintoma) nunca se as refere como "repressões secundárias". O que se poderia afirmar, para Laplanche e Pontalis⁵⁸, é que o termo defesa é menos frequente a partir de 1900 (Interpretação dos Sonhos), sendo que na época anterior a esta, os termos repressão e defesa, são utilizados com igual frequência, e apenas em raríssimas ocasiões foram utilizados por Freud como se fossem pura e simplesmente equivalentes, e seria erroneo considerar, com base no testemunho de Freud, que o único modo de defesa conhecido era a repressão, "modo de defesa específico da histeria, fazendo coincidir o gênero com a espécie"⁵⁸ (p. 553).

Se a repressão foi o primeiro mecanismo de defesa isolado e profundamente estudado por Freud, desde seus primeiros escritos há referências explícitas e detalhadas a outros mecanismos de defesa, como a conversão, o deslocamento, a projeção ⁶. A generalidade da noção de defesa se coloca desde os primeiros trabalhos de Freud, pois "existe uma tendência defensiva normal, isto é, uma aversão em dirigir a energia psíquica de tal modo que ocasione desprazer. Esta tendência, ligada às condições mais fundamentais do funcionamento psíquico (lei da constância), não pode ser dirigida contra as percepções, dado que estas têm a capacidade de se impor a atenção (como o demonstra seu caráter consciente); aquela só pode atuar frente às recordações e às representações cogitativas" ⁶ (p. 717).

Mas a ambiguidade no uso dos termos repressão e defesa, realmente se faz presente, como por exemplo neste texto ⁸ o termo repressão às vezes tem um sentido lato que o aproxima de defesa: "As diferenças principais entre as diferentes psiconeuroses se expressam através das formas pelas quais retornam as idéias reprimidas, enquanto que outras obedecem às modalidades de formação dos sintomas e do curso que segue a enfermidade. Todavia, o caráter específico das diferentes neuroses está na maneira de realizar a repressão" ⁸ (p. 719). Mas, pode-se dizer que se a essência da repressão "está em afastar e manter afastado do consciente determinados elementos" ²³ é como se coloca desde os primeiros escritos de Freud, que vê a repressão como a "não tradução" (o não acesso à consciência de um conteúdo inconsciente), não tradução esta cujo "motivo é sempre a provocação de desprazer que resultaria da efetuação da tradução, como se este desprazer engendrasses um transtorno do pensamento que, por sua vez, impedisse o processo de tradução" ⁹. E é desta acepção de repressão, como indicando o destino de uma representação ideativa, que deixa de ser consciente ou perde a possibilidade de tornar a sê-

lo, e que constitue, a nosso ver, o primeiro momento de operação defensiva, que deu margem à ambiguidade de Freud quanto ao uso dos termos defesa e repressão. A repressão é "algo peculiar", e "tem a mesma relação com os outros métodos de defesa, que a omissão tem com a distorção do texto, e nas diferentes formas dessa falsificação podemos descobrir como o ego se altera"³⁸ (p. 558).

4.1 - REPRESSÃO E RECUSA (VERLEUGNUNG)

A importância da sexualidade na determinação da conduta humana é uma vez mais enfatizada em "Organização Genital Infantil" ²⁷. Foi o estudo das neuroses que levou a psicanálise a ocupar-se da sexualidade infantil, sendo que o interesse inicialmente, centrou-se na diferença entre a vida sexual infantil e a do adulto. Depois o acento deslocou-se para as organizações pre-genitais e para a evolução difásica da sexualidade.

Quando do estudo da sexualidade infantil, Freud descobriu que há uma grande afinidade entre a forma final da sexualidade infantil (até os cinco anos) e a estrutura sexual definitiva do adulto. A afinidade entre as duas fases é expressa na eleição de objeto, onde todas as pulsões parciais (sexuais) orientam-se para uma só pessoa, da qual se espera obter prazer, mas não há, na época infantil, uma síntese perfeita das pulsões parciais sob a primazia dos genitais. A dissemelhança entre a sexualidade infantil e a adulta atribuída à primazia ou não dos genitais, é reformulada em 1923²⁷, sendo que o caráter diferencial estará na primazia do "phallus" na organização genital infantil, pois para a criança segundo Freud, só há um órgão genital: o masculino. As diferenças entre homens e mulheres percebidas pela criança não são atribuíveis a diferentes órgãos genitais, o que a leva a atribuir órgãos genitais análogos ao

seu não sã a todos os seres humanos, como também aos animais. Este órgão passa a ser o centro de interesse para o menino, que realiza investigações para satisfazer sua curiosidade em relação ao mesmo. No decorrer destas, a partir da visão casual dos genitais de uma mulher, descobre que o phallus não é um atributo de todos os seres que lhe são semelhantes. Mas essa percepção é recusada, e o menino para solucionar a contradição decorrente de sua crença na existência e a percepção da ausência de phallus na mulher, passa a acreditar que o órgão existe mas ainda é muito pequeno e que deverá crescer. Porém, lentamente, chega à conclusão de que essa ausência se deve a uma castração, castração esta que vai adquirir seu pleno valor a partir da descoberta da castração da mãe.

A "recusa" da percepção da não existência de órgão genital masculino na menina está vinculada ao complexo de castração porque aceitar essa ausência reforçaria o medo à castração. Esta fase, posteriormente, é elaborada, sendo a castração aceita na puberdade, com o estabelecimento da polaridade masculino-feminino.

O mecanismo da recusa (Verleugnung) é, para Freud, a negação da realidade de uma percepção traumatizante para o indivíduo. Este mecanismo, que consiste em negar uma realidade exterior, é comum numa fase da infância, mas pode indicar o início de uma psicose, se ocorre na vida adulta.

Em "Neurose e Psicose"²⁸, a psicose é vista como a resultante de um conflito entre o ego e o mundo exterior, e a neurose entre o ego e o id. A neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, quando aquele em obediência à realidade, reprime uma tendência instintiva do id. Este se rebela, tem-se o fracasso da repressão, o retorno do reprimido e com este há a satisfação parcial do desejo. Observa-se na neurose certa alteração da realidade pelas fantasias agradáveis que lhe são acrescentadas, mas esta não é nem negada nem recusada, o neurótico procura ignorar ou

evitar a realidade que lhe é frustadora.

Na psicose, resultante de um conflito entre a realidade de um lado e o ego e o id de outro, o ego, obediente a tendências do id, recusa a realidade externa porque esta lhe impõe uma privação que é vista como intolerável, e em seu lugar constroi uma outra realidade que atende às tendências do id.

A questão, colocada em "Neurose e Psicose"²⁸ de se o processo pelo qual o ego se afasta da realidade na psicose, seria análogo ao mecanismo da repressão é respondida em "Perda de Realidade em Neurose e Psicose"²⁹. Pois se tanto na neurose como na psicose, há perda de realidade, na primeira se evita uma parte da realidade porque é frustradora, e na segunda a realidade é transformada; enquanto o neurótico limita-se a ignorá-la, o psicótico recusa-a e tenta substituí-la.

Em "Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos"³¹, a relação entre recusa (Verleugnung) e psicose é explicitada, podendo aquela ser o ponto de partida desta, ressaltando-se, porém, que a recusa não é nem rara, nem muito perigosa na vida psíquica da criança.

A recusa também está presente numa perversão, o fetichismo, e no artigo de 1927³⁶ dedicado a este assunto, a recusa tem uma acepção específica: a recusa incide sobre a ausência do phallus na mulher, e afirma Freud, que todo o fetiche é um substituto do phallus, não de qualquer um, mas de um determinado e muito especial, ou seja o phallus da mulher, (ou mais precisamente, o da mãe), em cuja existência o fetichista acreditou, e crença esta a que não quer renunciar, porque a aceitação dessa ausência (a do phallus), coloca a possibilidade de sua própria castração. O fetiche permite ao indivíduo conservar duas atitudes opostas: a crença na existência e a aceitação da ausência de phallus na mulher. Da visão casual dos genitais femininos,

a crença na existência de um phallus feminino é abalada, mas a criança ao mesmo tempo que a abandona, também a conserva; abandona-a ao substituí-la pelo fetiche, e a conserva porque este substituto (o fetiche) passa a merecer o interesse que antes cabia ao predecessor (o phallus feminino). O fetiche é um produto transacional, que atende parcialmente, à necessidade de existência de phallus na mulher, e que representa um triunfo contra a ameaça de castração. Como o significado do fetiche não é conhecido pelos outros indivíduos, a satisfação que traz ao feticista, não costuma lhe ser vedada.

Para Freud a importância dos estudos do fetichismo está em demonstrar a importância do complexo de castração, e reafirmar que a diferença entre a neurose e a psicose está em que na primeira o ego, a serviço da realidade, submete uma parte do id, enquanto que na psicose o ego em obediência ao id, se desprende de uma parte da realidade. Esta recusa da realidade tem significado diferente se no adulto ou na criança, pois se no adulto pode indicar o ponto de partida para a psicose, o mesmo não se verifica para a criança. A explicação para isto estaria em que na criança, como no feticista, subsistem duas atitudes paralelas, a que se harmoniza com a realidade (a de aceitação da castração na mulher) e a que se conforma ao desejo (a da recusa dessa castração), enquanto que na psicose haveria ausência de uma dessas correntes, mais precisamente daquela que se conforma com a realidade.

Essa formulação, da psicose como implicando num afastamento total da realidade pelo ego, é revista em 1938 em "Esquema de Psicanálise"³⁹. Pois se tanto na neurose como na psicose há um relaxamento ou deteriorização das relações do ego com o mundo exterior, mesmo na psicose esse afastamento nunca é total. O que seria característico da psicose é que nela sempre se encontra uma cisão do ego (Ichspaltung), situação em que subsistem duas atitudes psíquicas -

quicas opostas, a que leva em conta a realidade exterior, e a outra que afasta o ego da realidade, sendo que na psicose há a predominância da primeira atitude. Mas, para Freud, a importância da existência de uma cisão do ego não está apenas em sua constante presença nas psicoses, mas sim porque ela também é encontrada em situações como a neurose e o fetichismo. Neste, duas atitudes, a que nega a ausência de phallus na mulher e a que aceita essa ausência, persistem durante toda a vida do fetichista, sem que se influam mutuamente. O ego do fetichista nunca se afasta totalmente da realidade. Há recusa da percepção de uma realidade que é dolorosa, e esta só tem um efeito parcial, é uma tentativa incompleta de afastar-se da realidade, pois a recusa é sempre complementada por uma aceitação sempre há o estabelecimento de duas posições antagônicas; a que aceita e a que recusa a realidade. E a direção de tal desenlace, segundo Freud, dependerá da força relativa das posições.

A existência de duas atitudes psíquicas opostas, também, se verifica na neurose, só que nesta uma delas pertence ao ego, e a antagônica por ter sido reprimida, faz parte do id.

Em "Cisão do Ego no Processo de Defesa" (1938)⁴⁰, a recusa da realidade no fetichista diferencia-se da que ocorre na psicose, porque naquela, diferentemente desta, a falta (ausência de phallus na mulher) não é substituída alucinatoriamente, o que existe é um "deslocamento de valores", a importância do phallus é transferida a outra parte do corpo, ou a um objeto.

4.2 - REPRESSÃO E A DE-NEGAÇÃO (VERNEIGUNG)

Durante o tratamento psicanalítico, Freud observou que antes houvesse o levantamento completo da repressão, muitos pacientes expressavam idéias, cuja característica era aparecerem como meras idéias, simples associações, como algo es

tranho ao paciente e que este não reconhecia como uma memória sua, e pelo contrário, não a aceitava, e referia-se a ela como "não pensei isto", "isso eu não desejo". Esse fenômeno já tinha sido salientado em "Estudos sobre a Histeria" ⁷ onde Freud relata que no decorrer do tratamento clínico é comum que muitas das recordações que emergem, apesar de serem reproduzidas pelo paciente, não são aceitas como sendo recordações verdadeiras. Em 1925, Freud dedica um artigo a esse fenômeno a que ele chamou de-negação ³².

A de-negação (Verneigung) é um sinal do levantamento da repressão, um dos modos pelo qual uma representação reprimida pode se tornar consciente, mas com a condição de ser negada. Tem-se um levantamento da repressão mas não a aceitação do reprimido. A de-negação (Verneigung) é uma atenuação mas não a interrupção das contra catexes do Ego em relação ao material reprimido, caracterizando-se como um meio defensido que o ego lança mão quando o outro meio, a repressão, fracassou. Pois se o fracasso da repressão torna possível o aparecimento na consciência da representação reprimida, o ego defende-se desta, não a reconhecendo como sua. Se há alguma aceitação intelectual do reprimido, na medida que a representação é expressa, subsiste o essencial da repressão.

Mas a de-negação (Verneigung), assinala para Freud, o momento em que idéias ou desejos inconscientes começam a surgir, e assinala um primeiro passo para que seja possível se ultrapassar os efeitos da repressão, pois permite uma certa liberação dos efeitos desta.

Se considerarmos o material reprimido como um complexo de imagens associadas, o levantamento da repressão só estaria completamente realizado quando todo este complexo fosse igualmente catexado, ou seja, acessível à consciência. Portanto, só podemos ver a de-negação (Verneigung) como um levantamento parcial ou um índice do levantamento da repressão, porque nela as anticatexes do Ego deixam de a-

tuar em algum dos elementos do complexo mnêmico reprimido, mas continuam atuando em outros. E o que surge na de-negação é uma imagem parcial da memória reprimida sendo que ou tras partes desse complexo continuam a sofrer influência das antitaxés do ego.

CAPÍTULO 5

REPRESSÃO E RESISTÊNCIA

A importância e centralidade da "resistência" para a teoria psicanalítica se explicita nas palavras do criador da psicanálise quando diz que: "Pode-se, portanto, dizer-se que a teoria psicanalítica é uma tentativa de tornar compreensíveis dois fatos - a transferência e a resistência - que surgem, de um modo singular e inesperado, ao se tentar referir os sintomas patológicos de um neurótico à suas origens na vida passada do indivíduo. Qualquer investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho, tem o direito de se chamar psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus. Mas todo aquele que abordar outros aspectos do problema evitando essas hipóteses, não escapará de ser chamado usurpador de propriedade, pela tentativa de despersonalização, se persistir em se chamar psicanalista" ²¹(p.985).

Freud observou o fenômeno da resistência quando abandonou o uso da hipnose no seu trabalho clínico. Este abandono se deveu, em parte, à transitoriedade dos resultados terapêuticos fundados no método catártico, que utilizava a hipnose, pois apesar de que o desaparecimento dos sintomas costumava seguir-se a catarse, esse efeito parecia depender, totalmente, da relação médico-paciente, sendo que esses sintomas reapareciam "à menor perturbação da relação pessoal entre o médico e o paciente" ³⁰(p.1022).

Outro fator que também contribuiu ao abandono do uso da hipnose foi que desde o início de atividade clínica, Freud verificara que nem todos os pacientes eram suscetíveis -

veis a entrar em profunda hipnose, como requeria o método catártico, fato este que não era totalmente explicável pela possível inabilidade do terapeuta, e que trazia grandes limitações ao trabalho terapêutico.

Em apoio ao abandono do uso da hipnose e sua substituição por outra técnica, veio a recordação de um experimento assistido na clínica de Berheim, ¹⁷, ²¹, ³⁹ em que este demonstrara que os atos realizados por pessoas em estado de sonambulismo profundo, são aparentemente, estavam esquecidos, pois com a insistência do médico tais acontecimentos podiam ser recordados pelo paciente, quando em estado de vigília. O novo procedimento terapêutico de Freud consiste em pedir aos pacientes que deixem seus pensamentos fluírem livremente, sem exercerem nenhuma crítica e comuniquem tudo aquilo que lhes surja, mesmo que tais pensamentos lhes pareçam inadequados, ridículos ou indiferentes. Se acontecia alguma interrupção neste fluxo associativo, Freud intervinha, dizendo que alguma idéia estava bloqueando a associação, e que esta apareceria quando ele colocasse sua mão na frente do paciente. Esta técnica, na qual o terapeuta exercia certa pressão sobre o paciente, era ainda de caráter sugestivo, e também foi abandonada por Freud, pois era "um procedimento penosíssimo que chegava a ser estafante, e que não poderia ser adotada como técnica definitiva" ¹⁷(p. 131). Quando se deu este abandono, já tinha sido comprovado que os fatos esquecidos não se tinham perdido totalmente, e que se encontravam à disposição do sujeito, e que surgiriam nas suas associações com outros acontecimentos não esquecidos se a sua rememoração não se opusesse uma força, que tentaria mantê-los inacessíveis à consciência. Para tornar algo inconsciente (reprimido) em consciente era necessário um esforço, que variava na razão da gravidade do "esquecido", e constituia a medida dessa força que se opõe a que o "esquecido" se torne consciente. A esta força, Freud chama de resistência, e a identifica com as mesmas forças que anteriormente haviam provocado o esquecimento ao ex

pulsar da consciência aqueles fatos ⁷ (p. 110). Portanto as forças que colocam dificuldades ao tratamento, são identificadas com as forças repressoras, ou seja, aquelas que provocaram a repressão.

A partir da teoria da resistência e da repressão é que Freud elabora a técnica psicanalítica clássica, que dá o marco do surgimento da própria psicanálise, e que trouxe uma grande modificação no trabalho terapêutico, cujo objetivo deixa de ser o de trazer aos caminhos normais os afetos desviados por um caminho inadequado (catarse), mas descobrir as repressões e suprimi-las mediante um julgamento que aceitasse ou condenasse, definitivamente, o excluído pela repressão. Assim a técnica psicanalítica passa a ter como ponto capital, descobrir e vencer as "resistências". Os procedimentos anteriores, não superavam as resistências, mas, simplesmente, a contornavam, como diz Freud, "o hipnotismo encobre a resistência e proporciona acesso a determinado setor psíquico, mas por sua vez, faz com que a resistência se acumule nos limites desse setor, formando uma muralha intransponível, que impede uma penetração mais profunda" ¹⁷ (p. 133). Então o processo terapêutico vai se desdobrar na descoberta das resistências ¹⁹, procurando enfocá-las para que elas se desfaçam, pois são uma vez reconhecidas e ultrapassadas é que o material inconsciente (reprimido) poderá surgir.

As amnésias são decorrentes de um processo repressivo, que foi motivado pelas sensações desprazerosas que tais acontecimentos provocaram. Na resistência que se opõe à reconstituição dessas lembranças estão as mesmas forças que produziram a repressão. Como todo tratamento psicanalítico tenta trazer à consciência o material reprimido (inconsciente) essa tarefa depara-se com uma contínua resistência do paciente porque a emergência do reprimido vem enlaçada a sensações desagradáveis, o que explica as constantes tentativas de afastar a possibilidade de aparecimento

desse material¹⁴.

A tarefa de descobrir e vencer as resistências não é um ato único e isolado, mas exige um esforço contínuo por que durante o tratamento há grande variabilidade na resistência, que aumenta sempre que se aborda um novo tema, alcançando um grau máximo no momento da elaboração do mesmo, e diminui, de novo, ao esgotar tal tema. Os pacientes abandonam e voltam a adotar sua atitude crítica um número incalculável de vezes durante o tratamento e é quando está prestes a emergir "na consciência um novo fragmento do material inconsciente, particularmente penoso, a crítica do paciente alcança o mais alto grau"²⁵(p. 302). Para levar a contento tal trabalho, descobrir e vencer as resistências, é necessário que se cumpram duas condições¹⁸: a primeira é que o próprio paciente tenha se aproximado muito do material reprimido; e em segundo lugar, é preciso que esteja bastante ligado ao médico (transferência) de modo que essa relação torne impossível uma nova fuga. A transferência que se constitui no "verdadeiro motor do trabalho analítico", quando se faz muito intensa pode se transformar no principal instrumento da resistência. Mas como não é possível psicanálise sem transferência, uma parte do trabalho do terapeuta consiste em explicitar ao paciente sua transferência convencendo-o que em sua conduta apenas revive relações afetivas anteriores. Através desse trabalho, a transferência se constitui no melhor instrumento de cura, depois de ter sido a arma mais importante da resistência. "Seu aproveitamento constitui a parte mais difícil e importante da técnica analítica"³⁰ (p. 1029).

Apenas o cumprimento dessas duas condições, a aproximação do próprio paciente ao material reprimido e a transferência, é que torna possível a descoberta e a superação das resistências, que mantêm a repressão, e o "esquecimento". O terapeuta revela ao paciente suas resistências que ele próprio desconhece, e vencidas estas, o paciente re

lata sem nenhum esforço as situações e relações esquecidas. Mas, a revelação pelo médico da existência de resistências no paciente, não tem como efeito imediato o desaparecimento destas, é preciso que se dê tempo ao paciente para que consiga elaborá-las e dominá-las. Na prática, diz Freud, a elaboração das resistências pode se constituir num trabalho penoso para o analisando, e uma dura prova de paciência para o analista, mas é esta parte do trabalho que exerce a maior ação modificadora sobre o paciente e "a que diferencia o tratamento analítico de toda influência por sugestão"²⁰ (p. 440). A psicanálise, através da interpretação, revela ao paciente as suas resistências, cujo vencimento é o objetivo do tratamento, e o que exige maior esforço e tempo, mas que não pode ser evitado, porque o resultado do tratamento se concretiza quando o indivíduo, ao superar suas resistências, faz o exame de suas repressões, o que lhe permitirá maior unidade e fortalecimento de seu ego, que foram prejudicados pela repressão. A psicanálise permite empreender "uma revisão das antigas repressões; umas poucas são destruídas, enquanto outras são reconhecidas mas reconstruídas com um material mais sólido. Assim, o verdadeiro resultado da terapêutica psicanalítica seria a correção subsequente do primitivo processo de repressão"³⁸ (p. 550).

Se até aqui a resistência ao tratamento esteve identificada com as forças que provocaram e mantêm a repressão, é preciso que se distinga que na "resistência à cura" podem atuar dois fatores: a oposição das anticatexis do ego, destinadas a manter a repressão; e a dificuldade do ego em abandonar os próprios sintomas quando destes decorrem "vantagem secundária", pois este (o sintoma), como produto transacional, atende parcialmente, tanto ao que foi reprimido, como aos motivos da repressão, representando uma satisfação parcial a ambas as tendências.

Em outro lugar³⁸, Freud ao considerar a multiplicidade de mecanismos de defesa a que o ego pode recorrer na

tentativa de afastar os perigos, ressalta as alterações que tais mecanismos podem provocar no ego, sendo que o trabalho terapêutico, para Freud ³⁸ oscila entre dois limites: de um lado, tornar consciente algo que está inconsciente; e de outro, corrigir algo do ego. Mas o ego, ao ver na cura um novo perigo, faz com que os mecanismos defensivos que eram dirigidos contra o perigo primitivo, reapareçam como resistências contra a própria cura "sendo que no tratamento, tem-se a impressão de que a resistência é uma força que se defende contra a cura, com todos os meios possíveis, e que se acha totalmente resolvida a agarrar-se à enfermidade e à doença" ³⁸ (p. 563).

Ao se falar na resistência ao tratamento decorrente tanto da repressão, como do apego ao sintoma, como da transferência, estas foram relacionadas como resistências cuja fonte é o ego, mas, o id como o superego, também podem ser fontes de resistência. As resistências podem se classificar como ³⁸, ³⁴: resistências do ego: resistência de repressão, resistência da transferência, e resistência da vantagem secundária da enfermidade; a resistência do id que está ligada à compulsão à repetição (ou "necessidade de liberação"); a resistência do superego que provém da "necessidade de castigo" ou "consciência de culpabilidade" que, segundo Freud, é a que oferece os maiores obstáculos ao tratamento analítico ³⁴.

CAPÍTULO 6

CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM LINGUÍSTICA

Se podemos ver Lacan como aquele que introduz na psicanálise a abordagem estruturalista que tem seu fundamento na ciência linguística, perspectiva na qual o fato humano é visto como fato de significação, é preciso, no entanto, assinalar que a importância da linguagem, assim como a noção de estrutura já estavam presentes no pensamento psicanalítico antes de Lacan.⁷⁰

A novidade trazida por Lacan está na sua proposta de um retorno a Freud, que ele coloca que deve se realizar não em termos de um retorno apenas à letra, mas e principalmente ao sentido freudiano. Talvez poderíamos dizer que a obra lacaniana se caracteriza pelo trabalho de "asepsia conceitual" da teoria freudiana, sendo que sua intervenção deve ser vista como precisamente a de "defender, contra as reduções e desvios que dominam hoje uma grande parte das interpretações teóricas da análise, a irredutibilidade, que não é mais do que a irredutibilidade de seu objeto (o inconsciente)" ¹ (p. 240).

Para realizar esta tarefa Lacan utiliza conceitos da ciência linguística sem o qual ele não negaria que sua teorização não seria possível¹.

A utilização por Lacan de conceitos como: significante, significado, significação, valor, metáfora, metonímia, não implica numa simples transposição desses conceitos do campo da linguística para o da psicanálise, mas muitas vezes tem uma aceção específica e restrita à psicanálise.

Estabelecer e precisar as relações entre esses conceitos e seu uso na obra lacaniana seria uma tarefa muito ampla, e que fugiria ao âmbito do presente trabalho. Uma tentativa neste sentido é feita por Rifflet-Lemaire⁶⁵, que na sua interpretação do uso dos conceitos linguísticos por Lacan, vê em: signo, valor e a divisão da linguagem em dois eixos principais (sintagmático, paradigmático) como aqueles que basicamente seriam utilizados por Lacan. Destaca que na concepção lacaniana, significante e significado são vistos como duas ordens distintas, separadas por uma barra resistente à significação; dois fluxos paralelos onde os pontos de correspondência são mínimos, sendo que o modo como se atinge a significação corresponde àquilo que Lacan denomina "point de capiton". A significação nasce a partir de uma disposição equilibrada de termos, que exclui os inadequados e evoca os semelhantes.

A linguagem tem possibilidade de significar outra coisa, tem autonomia em seu sentido. Os agentes principais dessa autonomia são a metáfora e a metonímia. Lacan assimila os processos metafóricos e metonímicos da linguagem, respectivamente à condensação e deslocamento - os dois mecanismos característicos do funcionamento do Ics. nas suas formações subjacentes ao enunciado.

Deve-se destacar ainda, segundo Rifflet-Lemaire⁶⁵, que o algoritmo $\frac{S}{S}$ é compreendido em psicanálise no eixo do símbolo, mais do que um signo restrito a seus contornos racionais.

Neste capítulo apresenta-se apenas os conceitos linguísticos como se apresentam no seu próprio campo, a linguística. É possível que esta apresentação incorra em dois equívocos: para os estudiosos de linguística é superficial; para os não-estudiosos, talvez bastante árida. Mas como o pensamento lacaniano se serve desses conceitos, sua explicitação aqui, poderá vir a facilitar a leitura das proposições de Lacan.

LÍNGUA/FALA (Langue/Parole)

O conceito Língua/Fala é central na linguística saussureana, onde o estudo da linguagem comporta duas partes, "uma essencial, tem por objeto a língua que é social em sua essência e independente do indivíduo; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala" ⁶⁷ (p. 27).

A prioridade dada à língua justifica-se porque é possível se abstrair da natureza 'multiforme e heteroclita' da linguagem, um objeto social, conjunto sistemático de convenções necessárias à comunicação, exterior ao indivíduo, necessária para que a fala se estabeleça, e que preexiste e condiciona todo ato de comunicação: "A língua é um sistema que conhece, somente sua ordem própria" ⁶⁷ (p. 31).

Língua

A língua é, praticamente, a linguagem menos a fala. É uma instituição social, não é uma função do falante, pois o indivíduo sozinho não pode nem criá-la, nem modificá-la. É um instrumento criado e fornecido pela coletividade, uma espécie de contrato social a que se deve submeter para haver comunicação. "Um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe, virtualmente, em cada cérebro" ⁶⁷ (p. 21).

A língua é o conjunto de hábitos linguísticos que permite a uma pessoa compreender e fazer-se compreendida. Uma instituição de caráter abstrato, que embora sendo um produto histórico coletivo e tenha uma configuração específica, só se concretiza nos atos de fala, e é, ao mesmo tempo, o produto e instrumento desta.

Como sistema de valores, a língua se constitui por um pequeno número de elementos onde cada um "é ao mesmo tempo, um vale por e o termo de uma função mais ampla, onde se

colocam, diferencialmente, outros valores correlativos" ² (p. 18), e do ponto de vista da língua, "o signo é como uma moeda: vale por certo bem que permite comprar, mas vale também, com relação a outras moedas, de valor mais forte ou mais fraco" ² (p. 31).

O aspecto institucional e o aspecto sistemático da língua estão evidentemente ligados: é porque a língua é um sistema de valores contratuais que pode resistir às modificações de um único indivíduo, e que se configura como instituição social.

Ao separar a língua da fala, Saussure nos diz que separamos, ao mesmo tempo, o social do individual, como também, o essencial do acessório e relativamente accidental.

Fala

Enquanto a língua é instituição e sistema, a fala é um ato individual de seleção e atualização, e se constitui por: "1º) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua com o propósito de exprimir seu pensamento pessoal, e 2º) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações" ⁶⁷ (p. 22).

O aspecto combinatório da fala deve ser enfatizado pois a fala se constitui pelo retorno de signos idênticos, e é porque os signos se repetem de um discurso a outro e num mesmo discurso que cada signo se torna um elemento da língua; e porque a fala é essencialmente uma combinação é que corresponde a um ato individual e não a uma criação pura. A fala atualiza a língua, pois esta só encontra realização no ato da fala.

Língua/Fala

Cada um destes termos só tem sua definição a partir de sua relação com o outro, o que vem explicitar o princípio fundamental da teoria saussureana que "a linguagem...

é sempre um objeto duplo, formado por duas partes, cada uma das quais só vale pela outra" ² (p. 40). Não há língua sem fala, e não há fala fora da língua. Se a língua é "um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade" ⁶⁷ (p. 21), por ela ser soma de massas individuais, não está completa em nenhum indivíduo isolado, mas apenas existe de modo completo na 'massa falante'. Se a língua é necessária para "que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos" ⁶⁷ (p. 27), por outro lado, a língua só é possível a partir da fala: historicamente, os fatos da fala sempre precedem os fatos da língua (e é a fala quem introduz as modificações na língua), geneticamente, a língua se constitui no indivíduo pela aprendizagem da fala que a envolve. A língua é, ao mesmo tempo, produto e instrumento da fala.

É importante notar que para Saussure só existe ciência de língua pois qualquer fala, desde que tomada como processo de significação já é língua. Isto, segundo Barthes, afasta duas questões" 19) a inutilidade de se perguntar se o estudo da fala deve preceder o da língua, porque só se pode estudar imediatamente, a fala no que ela tem de linguístico; 20) a de como se separa a língua da fala: "não se trata de uma diferença prévia, mas, pelo contrário, da própria essência da investigação linguística: separar a língua da fala é de um só lance estabelecer o processo do sentido" ² (p. 20).

SIGNIFICANTE/SIGNIFICADO

A língua é um sistema de signos. Esta unidade, o signo, é para Saussure, a combinação de um conceito e de uma imagem acústica. Se identificássemos o signo à imagem acústica, incorreríamos em ambiguidade, a qual "desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionam entre si, ao mesmo tempo que se opõem" ⁶⁷ (p. 81). Então, signo designa o total, e conceito e imagem acústica são substituídos por significado e signi

ficante, respectivamente. Para designar a relação significativa, Saussure eliminou o termo símbolo porque, para ele, este tem como característica não ser totalmente arbitrário, e comportar uma idéia de motivação, "um rudimento de vínculo natural entre significante e significado" ⁶⁷ (p. 82).

O signo é o total resultante da associação de um significante e um significado, e no interior do primeiro e do segundo se recortam séries de diferenças, que combinadas dão lugar ao signo. Tomados cada um separadamente, o significante e o significado são elementos negativos; sua positividade aparece ao se combinarem. O que caracteriza a língua é o constante paralelismo entre essas duas ordens de diferenças.

Segundo Barthes ², a teoria do signo linguístico foi enriquecida com o princípio da dupla articulação, cuja importância foi mostrada por Martinet, a ponto de torná-la o 'critério definicional da linguagem': entre os signos linguísticos é preciso separar as unidades significativas, cada uma das quais está provida de um sentido, e que constitui a primeira articulação (a dos monemas), das unidades distintivas, que participam da forma, mas não tem diretamente um sentido, e que constituem a segunda articulação (a dos fonemas). É essa dupla articulação que explica a economia da linguagem humana, "onde na primeira articulação, um número indefinido de enunciados se identifica como composto de um inventário de poucas dezenas de fonemas" ⁶⁰ (p.113).

O Significado

O significado não é uma "coisa", mas uma representação psíquica da coisa. Saussure destacou a natureza psíquica do significado quando denominou-o conceito. O significado, "não sendo nem um ato de consciência, nem realidade", só pode ser definido dentro do processo de significação de modo totalmente tautológica: é este "algo" que quem emprega o signo, entende por ele. O que opõe o significado

ao significante é que este é um mediador.

A possibilidade de classificar os significados não é negada por Barthes, mas, segundo ele, para se estabelecer uma classificação verdadeiramente formal, seria necessário chegar a reconstituir oposições de significados e a isolar em cada uma delas um traço pertinente (comutável) em bora esse método tenha sido preconizado por alguns linguistas, segundo Barthes, nenhuma dessas análises foi ainda desenvolvida.

O Significante

O significante é constituído pelas vibrações sonoras produzidas pelo aparelho fonador (do lado do emissor) e pelas sensações auditivas captadas pelo ouvido (do lado do receptor). Não se pode separar a sua definição da do significado; a diferença do significado para o significante é que este é um mediador: a matéria lhe é necessária; mas, de um lado não lhe é suficiente, e de outro, em semiologia, o significado também pode ser substituído por certa matéria, como por exemplo a das palavras. Essa materialidade do significante faz com que seja necessário distinguir "entre matéria e substância: a substância pode ser imaterial (como no caso da substância do conteúdo); pode-se dizer, pois, que somente a substância do significante é sempre material (sons, imagens, objetos)" ² (p. 50).

A classificação dos significantes é a própria estruturação do sistema. O conjunto de mensagens emitidas ao nível do corpo estudado, serão recortadas em unidades significativas, as quais são agrupadas em classes paradigmáticas, e se classificam as relações sintagmáticas que ligam essas unidades.

SIGNIFICAÇÃO

A significação é um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato cujo produto é o signo.

Esta distinção só tem valor classificatório, porque a união significante/significado não esgota o ato semântico, já que o signo vale por seus contornos, ou como diz Saussure, "o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia", e também, porque para significar se procede por recorte.

Sendo o significante o mediador do significado, pergunta-se qual a natureza dessa mediação. Desde que o som não nos é imposto pelo próprio sentido, Saussure afirma que a relação entre o significante e o significado é arbitrária, o que explicaria os diferentes significantes para os mesmos significados quando se compara diversas línguas. Essa arbitrariedade do signo foi colocada em questão por Benveniste, pois para este, se partimos da concepção saussureana, onde "o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica" ⁶⁷ (p. 80), e da afirmação de que o signo é arbitrário porque não há entre o significante e o significado "nenhum laço natural na realidade" ⁶⁷ (p. 83), fica claro que Saussure introduz, aqui, um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial, que é a "coisa". A arbitrariedade está em que seja aplicado tal signo, e não outro a tal elemento da realidade; mas quanto aos componentes do signo, o significante e o significado, 'o liame' que os une não é arbitrário, pelo contrário"³. Assim, afirma Benveniste, o conceito (significado) 'boi' é em minha consciência, forçosamente idêntico ao conjunto fônico (significante) b o i. Juntos foram imprimidos em meu espírito, juntos, eles se evocam em qualquer circunstância. O significante e o significado, a representação mental e a imagem acústica, são, pois, as duas faces de uma mesma noção. O significante é a tradução fônica de um conceito, o significado é a contrapartida mental do significante. "Esta consubstancialidade do significante e do significado assegura a unidade estrutural do signo linguístico" ³ (p. 52).

O VALOR

Uma das noções centrais da teoria saussureana é a de valor como podemos ver em sua definição de que "a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, que na da determina fora do estado momentâneo de seus termos" e na afirmação de que "sistema algum apresenta esse caráter tan to quanto a língua (sistema de valores complexo e rigorosamente organizado): em parte alguma se encontra tal precisão de valores em jogo, um número tão grande e uma tamanha diversidade de termos, numa dependência recíproca"⁶⁷ (p.96).

A maioria das ciências, observa Saussure, ignora a dualidade ente sincronia e diacronia, pois o tempo não produz nelas efeitos radicais. Há, entretanto, uma ciência onde esta dualidade se impõe: a economia e o mesmo acontece à linguística, isto porque em ambas estamos diante da noção de valor, "nas duas ciências trata-se de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: numa, um trabalho e um salário; noutra, um significante e um significado"⁶⁷ (p. 95). Tanto em economia como em linguística, esta equivalência não é solitária, pois "sendo a língua um sistema em que todos os termos são solidários, o valor de um resulta, tão somente, da presença simultânea de todos os outros", e temos que mudando um dos termos, pouco a pouco todo o sistema muda. Para que haja signo (ou valor econômico), é preciso ser possível permutar coisas dissemelhantes, e, também, poder comparar coisas semelhantes: assim como uma palavra pode ser trocada por uma 'idéia', (isto é, o dissemelhante), pode também ser comparada com outras palavras (isto é, o semelhante). "A palavra fazendo parte de um sistema está revestida não só de uma significação, como também, e sobretudo, de um valor"⁶⁷. Assim, o português 'carneiro' ou o frances 'mouton' podem ter a mesma significação que o ingles 'sheep' mas não o mesmo valor porque ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o ingles fala 'mutton' e não 'sheep'. A diferença

de valor entre sheep e mouton e carneiro se deve a que o primeiro termo tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou a portuguesa. O valor não é idêntico à significação.

Para explicar o duplo fenômeno da significação e do valor, Saussure servia-se da imagem de uma folha de papel: recortando-a, temos de um lado, diversos pedaços (A B C), cada um dos quais tem um valor em relação aos outros, e por outro lado, cada um desses pedaços tem um verso e um averso que foram recortados ao mesmo tempo (A A', B B', C C'): Esta imagem nos permite conceber a produção de sentido de modo original, não somente como a correlação entre um significante e um significado, mas talvez essencialmente como "um ato de recorte simultâneo de duas massas amorfas", de dois "reinos flutuantes", como diz Saussure, o do som e do sentido. Saussure imagina que na origem do sentido, as idéias e os sons formam duas massas flutuantes, lâbeis, contínuas e paralelas de substâncias; o sentido intervém quando se recorta ao mesmo tempo essas massas: os signos assim produzidos são articuli, em que "uma idéia se fixa num som, e um som se torna signo de uma idéia"⁶⁷ (p. 131). Entre esses dois casos, o sentido é, então uma ordem, mas essa ordem é, essencialmente, divisão: a língua é o objeto intermediário entre o som e o pensamento, "a língua é como uma série de subdivisões contíguas, marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das idéias confusas e sobre o plano dos sons"⁶⁷ (p. 130), a língua consiste em servir de intermediário entre o pensamento e os sons, em condições tais que uma união conduza a delimitações recíprocas de unidades.

Saussure usa também outra imagem: significante e significado são como dois lençóis superpostos, um de água outro de ar; quando muda a pressão atmosférica, o lençol de água se divide em ondas; e do mesmo modo o significante é dividido em articuli. Essas duas imagens mostram a língua

como recorte antes de tudo.

OS DOIS EIXOS DA LINGUAGEM (Relações Sintagmáticas e Relações Associativas)

Para Saussure, as relações e as diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, e cada uma delas engendra certa ordem de valores. A primeira delas é a ordem dos sintagmas. O sintagma é uma combinação de signos que tem por suporte a extensão, que é linear e irreversível na linguagem articulada (cadeia falada), o que exclue a possibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. O sintagma se compõe de duas ou mais unidades consecutivas, e nele o termo só adquire valor pela oposição ao que precede e ao que o segue. A relação sintagmática existe in praesentia.

A segunda ordem é a das associações: "fora do discurso (ordem sintagmática), as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas"⁶⁷ (p.143), assim 'ensinamento' pode associar-se à 'educação', 'aprendizagem' (pelo sentido), como a ensinar, reensinar, armamento, (pelo som), pois "o espírito capta também a natureza das relações que os unem, e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam"⁶⁷ (p. 145). O elemento comum pode ser o radical: ensino, ensinar; o sufixo: ensinamento, armamento, sentimento; a analogia dos significados: ensino, aprendizagem, educação; e outros. Cada grupo associativo forma uma 'série mnemônica' virtual e formam o "tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo"⁶⁷ (p. 143). Enquanto a relação sintagmática existe in praesentia, ou seja, entre dois ou mais termos de uma série efetiva, a relação associativa une os termos in absentia, numa série mnemônica virtual.

O plano sintagmático e o associativo estão em estreita relação sendo que uma unidade linguística, para Sauss

sure, poderia ser comparada a uma parte determinada de um edifício, em que cada elemento está em relação de contiguidade com todas as outras unidades do edifício, e, ao mesmo tempo, cada elemento em particular nos leva a comparações com outras ordens arquitetônicas que não a do edifício, e que são elementos não presentes no espaço considerado (relação associativa). Esses dois agrupamentos são interdependentes, e se condicionam mutuamente, e se a coordenação no espaço contribui para criar coordenadas associativas, estas, por seu lado, são necessárias para a análise das partes do sintagma.

Sintagma/Paradigma

A noção de sintagma se aplica não só às palavras (reler), mas aos grupos de palavras (contra todos), como a unidades mais complexas como a frase. A frase é "o tipo, por excelência, do sintagma" ⁶⁷ (p. 144). O sintagma não pode ser considerado um fato da fala, pois se o característico desta é a liberdade de combinações, há sintagmas cristalizados (veja sô!), e também porque os sintagmas são construídos sobre formas regulares, e por isso mesmo pertencentes à língua.

O sintagma se apresenta sob forma encadeada, fluente, e como o sentido sô surge de uma articulação, da divisão simultânea de duas massas flutuantes (a dos significantes e a dos significados), o sintagma sô poderá veicular sentido enquanto conjunto articulado. É preciso, então, recortar o sintagma, assinalando as unidades significantes e estabelecer os limites dos signos que o constituem.

O recorte em linguística é realizado pela prova de comutação, conceito operatório, que segundo Barthes ², já se encontrava em Trubetzkoy, mas foi consagrado por Hjelmslev e Uldall, no V Congresso de Fonética em 1936. A prova de comutação consiste em introduzir uma mudança no plano da expressão (dos significantes) e observar se isto acarreta

uma mudança no plano do conteúdo (do significado). Se a substituição recíproca de dois significantes leva à substituição recíproca de dois significados, então estamos diante de uma unidade sintagmática, o primeiro signo foi recordado. A operação também pode ser levada a efeito do lado do significado. Certas mudanças num plano podem não acarretar nenhuma mudança no plano adverso, e Hjelmslev distingue, pois, a comutação geradora de mudança de sentido (casa/caça), da substituição, que muda a expressão, e não o conteúdo, e nem reciprocamente (boa noite, boa noide). A comutação tem por objeto, geralmente, o plano dos significantes, mas o recurso ao significado também existe, mas este não é invocado por si mesmo, mas como indicador do significante.

A prova de comutação permite deslindar as unidades significantes que formam os sintagmas, e também permite a classificação dessas unidades em paradigmas. Em princípio, a prova de comutação fornece unidades significativas, isto é, fragmentos de sintagmas dotados de um sentido que são, então, unidades sintagmáticas, todas dotadas de uma face significante e uma significada. Devido ao caráter de dupla articulação da linguagem, se realizarmos uma segunda prova de comutação, ou seja em relação aos monemas, aparecerá um segundo tipo de unidades: as unidades distintivas. Estas, embora não tenham um sentido em si, concorrem para o sentido, porque a mudança de uma delas num monema acarreta neste uma mudança de sentido.

Quando já se definiram as unidades sintagmáticas de um sistema, resta, então, mostrar as regras de seu arranjo e combinação ao longo do sintagma. Os monemas, por exemplo, sucedem-se numa ordem que está sujeita a certas pressões. As "pressões combinatórias" para Hjelmslev, manifestam-se em duas unidades sintagmáticas de acordo com três tipos de relações: 1º) de solidariedade, quando há implicação mútua; 2º) implicação simples, quando há implica-

ção unilateral; 3º) de combinação, quando nenhuma induz à outra. Essas pressões combinatórias são fixadas pela língua mas a fala pode realizá-las diversamente, subsistindo uma liberdade de associação das unidades sintagmáticas. Jakobson ⁴¹, faz notar que o falante goza de uma crescente liberdade de combinação de unidades linguísticas, que é nula ao nível dos fonemas (os paradigmas dos fonemas já estão codificados pela língua), sendo que ao nível dos monemas é limitada (há leis de criação e combinação de palavras), para chegar à máxima liberdade ao nível da frase.

O Sistema (ou Paradigma)

O segundo eixo da linguagem, Saussure o vê sob a forma de uma série de campos associativos, cujos elementos se agrupam por uma afinidade de som ou de sentido. Cada série ou campo associativo é uma reserva virtual de termos, pois só um deles é atualizado em cada momento dado. Os termos de um paradigma (ou campo associativo) devem ser ao mesmo tempo semelhantes e dissemelhantes, e comportar um elemento comum e um elemento variante, como por exemplo no plano do significante: ensinamento e armamento, e no plano do significado: ensinamento e educação. Como nos diz Saussure "existe tanto comunidade dupla de sentido e de forma, como comunidade de forma ou sentido, somente;" ⁶⁷ (p.146), e portanto, qualquer elemento pode evocar tudo quanto seja possível de lhe ser associado, de um modo ou de outro.

Enquanto o sintagma mostra uma certa ordem de sucessão e um número determinado de termos, os componentes de um paradigma não apresentam nem uma ordem determinada, nem um número determinado. A partir de um termo é impossível dizer-se qual o número e a ordem em que aparecerão os elementos que são sugeridos na memória, cada "termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida" ⁶⁷ (p.146).

METÁFORA/METONÍMIA

O duplo caráter da linguagem, para Jakobson ⁴¹, se explicita na fala que implica na seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de alto grau de complexidade. Mas aquele que fala não é o agente completamente livre na escolha que realiza, pois a seleção deve ser feita a partir do repertório léxico, e a combinação é feita de acordo com a sintaxe da língua utilizada. Todo signo linguístico implica em dois modos de arranjo:

Seleção: numa série de termos alternativos, há a possibilidade de se substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. "Seleção e substituição são as duas faces da mesma operação" ⁴¹ (p.40).

Combinação: o signo linguístico é composto de signos constituintes e/ou está em combinação com outros signos. Toda unidade linguística serve de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu contexto numa unidade linguística mais complexa. "Combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação" ⁴¹ (p. 39).

Estas duas operações dão ao signo linguístico dois grupos de interpretantes, pois o signo está relacionado a um conjunto (paradigma), por uma relação de alternância, e a outro conjunto (o sintagma) por justaposição. Os elementos constituintes de qualquer mensagem (ato de fala) estão ligados ao código (língua) por uma relação interna e à mensagem por uma relação externa. A linguagem em seus diferentes aspectos, utiliza os dois modos de relação.

Se todo ato de fala implica na seleção e combinação de unidades linguísticas, há distúrbios de linguagem em que estas operações mostram-se prejudicadas. Para Jakobson pode-se distinguir dois tipos fundamentais de afasia, conforme a deficiência principal esteja na seleção e substi -

tuição, enquanto a combinação e o contexto ficam relativamente estáveis, e vice-versa.

Nos afásicos onde há deficiência da seleção, o contexto constitui fator indispensável e decisivo, sendo que quanto mais seus enunciados dependam do contexto, melhor se sairão na tarefa, enquanto que não conseguem passar de uma palavra aos seus sinônimos ou circunlocuções equivalentes. A perda da aptidão bilingue e a limitação a uma variedade dialetal de uma só língua constitui manifestação sintomática de tal desordem.

Pelo fato de que é a relação externa de contiguidade que une os constituintes de um contexto, e ser a relação interna de similaridade a que serve de base para a substituição, no afásico em que a função de substituição foi alterada e a do contexto permanece relativamente inalterada, as operações que implicam similitude cedem às fundadas na contiguidade. Tem-se, nessas condições, agrupamentos semânticos guiados pela contiguidade espacial ou temporal ao invés de serem guiados pela similitude. Quando a capacidade de seleção é bastante afetada, e a de combinação foi, pelo menos parcialmente preservada, a contiguidade determina todo o comportamento verbal do indivíduo, e chama-se esse tipo de afasia como distúrbio de similaridade.

Das duas figuras polares de estilo, metáfora e a metonímia, esta última baseada na contiguidade é muito empregada pelos afásicos, cuja capacidade de seleção foi afetada.

Há outro tipo de afasia, oposto ao anteriormente descrito, no qual observa-se a deterioração da capacidade de construir proposições, ou em termos mais gerais, a de combinar entidades linguísticas simples em unidades mais complexas. Neste tipo de afasia, deficiente quanto ao contexto, chamada de distúrbio de contiguidade, a extensão e a variedade das frases diminuem. Aparece a agramatismo, per

da das regras sintáticas, cujo resultado é a degeneração das frases, que se tornam amontoados de palavras.

À medida que o contexto se desagrega, as operações de seleção continuam, e o doente limitado ao grupo de substituição, pois o contexto é falho, usa as similitudes, e suas identificações são de natureza metafórica, em oposição às identificações metonímicas familiares aos afásicos do tipo oposto.

Toda forma de afasia oscila entre esses dois tipos polares descritos, pois o distúrbio afásico sempre consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da capacidade de seleção e substituição, ou da de combinação e contexto. A relação de similaridade é suprimida no primeiro tipo, a de contiguidade no segundo. A metáfora é incompatível com o distúrbio de similaridade, e a metonímia com o de contiguidade.

O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas distintas: um tema pode levar o outro quer por similaridade, quer por contiguidade. Fala-se, então, de processo metafórico no primeiro caso e de processo metonímico, no segundo. Se na afasia um ou outro desses processos é predominante ou exclusivo, no comportamento verbal normal ambos os processos estão, constantemente em ação, mas segundo Jakobson, uma observação atenta mostra que sob a influência de modelos culturais, de personalidade, de estilo verbal, ora um ora outro goza de preferência. Ao manipular esses dois tipos de conexão (similaridade e contiguidade) o indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências.

Na arte da linguagem, diz Jakobson, a interação desses dois elementos é particularmente marcante. Pelo fato de que em todo nível verbal (morfológico, léxico, sintático, fraseológico) uma ou outra dessas duas relações (similaridade e contiguidade) pode aparecer, uma gama imensa de

configurações é possível, onde um ou outro desses polos cardeais pode prevalecer. "Nas canções líricas russas predominam as construções metafóricas ao passo que na epopéia heróica o processo metonímico é preponderante" ⁴¹ (p. 57).

Não é exclusivo da arte verbal a predominância alternativa de um ou outro desses dois processos, o metafórico e o metonímico. O mesmo se encontra em outros sistemas de signos que não a linguagem.

Segundo Jakobson, a competição entre os dois procedimentos, o metafórico e o metonímico, se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social, o que faz com que essa dicotomia se revista da maior importância e significação para a compreensão não só do comportamento verbal como do comportamento humano em geral.

CAPÍTULO 7

O CONCEITO DE REPRESSÃO E A TEORIA DE JACQUES LACAN

"Il y suffit de comprendre le stade du miroir comme une identification au sens pleine que l'analyse donne à ce terme: à savoir la transformation produite chez le sujet quand il assume une image, - dont la prédestination à cet effet de phase est suffisamment indiquée par l'usage, dans la théorie, du terme antique d'imago" ⁴⁴ (p. 94).

O estágio do espelho tem em Lacan uma importância primordial pois prefigura em sua forma estruturante a dialética entre a alienação e a subjetivação, sendo que permite uma identificação fundamental e a conquista de uma imagem, a do corpo, o que se instaura como o primeiro momento da dialética das identificações, antes que o sujeito se insira na dialética de identificação ao outro, pela mediação da linguagem.

No estágio do espelho, o sujeito se identifica a gestalt visual de seu próprio corpo, o que para Lacan significa que a criança antecipa no plano mental a conquista da unidade de seu próprio corpo, o que no plano da motricidade não está completada. Esta gestalt visual de seu próprio corpo é uma "imago salutar", pois, por causa de uma "prematuração fisiológica" nos seis primeiros meses, a criança não experiencia seu corpo como uma totalidade unificada, mas sim, se percebe como dispersão de membros. A imagem especular é estruturante para o sujeito porque "c'est que la forme totale du corps par quoi le sujet devance dans un mirage la maturation de sa puissance, ne lui est donnée que comme gestalt, c'est-à-dire dans une extériorité où

certes cette forme est-elle plus constituante que constituée" ⁴⁴ (p. 94-95). É esta captação da forma humana sob forma de imago que entre os seis meses e dois anos e meio de idade, mais que um sentimento de unidade que é ausente nesta época, que dominará a dialética do comportamento da criança em presença de seu semelhante. A experiência mostra que nesta idade a experiência de si mesmo, assim como a que se refere a seu semelhante é vivida como indiferenciada.

A função do estágio do espelho é, para Lacan, um caso particular da função da imago, que é a de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade. O estágio do espelho, também, "est un drame dont la poussée interne se précipite de l'insuffisance à l'anticipation - et qui pour le sujet, pris au leurre de l'identification spatiale, machine les fantômes que se succèdent d'une image morcelée du corps à une forme que nous appellerons orthopédique de sa totalité, - et à l'armure enfin assumée d'une identité aliénante, que va marquer de sa structure rigide tout son développement mental" ⁴⁴ (p. 97). Os efeitos formativos que a gestalt do corpo tem sobre o ser humano mostram, segundo Lacan, a eficácia simbólica das imagos, e que a unidade do corpo é o resultado de uma longa conquista, sendo que o que é vivenciado primeiro é a angústia do corpo fragmentado.

No estágio do espelho se configuram três momentos ^{4, 63, 65}.

Num primeiro momento, o reflexo no espelho é tido como um ser real que a criança tenta apreender, procura por detrás do espelho, e tenta se aproximar. Há, também, indícios de que a criança confunde a sua imagem refletida no espelho, como sendo a de um outro, e que inversamente a imagem do outro é tida como sendo a sua.

Num segundo momento, a imagem passa a ser compreendida como imagem e não um ser real, sendo que a criança

não mais procura pegar o outro que estaria detrás do espelho.

Em seguida, num terceiro momento, haverá o reconhecimento de que o outro é uma imagem, e esse outro é sua imagem. O reflexo do espelho é uma imagem, e esta imagem é a sua, sendo distinta da do outro.

Para Lacan o que demonstra o fenômeno de reconhecimento, implicando a subjetividade "ce sont les signes de jubilation triomphante et le ludisme de repérage qui caractérisent dès le sixième mois la rencontre par l'enfant de son image au miroir" ⁴³ (p. 112).

A identificação da criança com sua imagem é identificação "dual, quer dizer, reduzida a dois termos (o corpo e sua imagem) é imediata e imaginária, porque a criança se identifica a um duplo de si mesma, a uma imagem que não é ela própria, mas que lhe permite reconhecer-se" ⁴⁴ (p.26). Esta identificação primária que estrutura o indivíduo "como rivalizando consigo mesmo" ⁴³ é a fonte das outras identificações. A conquista da identidade do sujeito pela imagem total de seu corpo; visão pela qual antecipa esta unidade, mostra, segundo Lacan, que no ser humano a percepção visual tem grande valor, o de antecipar uma unidade quando esta ainda não foi conseguida no plano da motricidade voluntária.

Paralelamente ao reconhecimento da imagem do espelho como sendo sua imagem, a criança apresenta um comportamento típico quando colocada em presença de seus pares de idade. Ela os observa, os imita, os agride, sendo que ao agredí-los põe-se a chorar, ao bater diz que apanhou, ao ver cair, chora. Esses comportamentos estão marcados pelo "transitivismo", que revelam a "ambivalência estrutural": escravo identificado ao despota, ator ao espectador, seduzido ao sedutor. Essa ambivalência estrutural aparece "en miroir", en ce sens que le sujet s'identifie dans son sen-

timent de soi à l'image de l'autre et que l'image de l'autre vient à captiver en lui ce sentiment" ⁴⁶ (p. 181). Este transitivismo só aparece sob a condição de que a defasagem de idade entre as crianças permaneça dentro de certos limites, sendo que no estágio do espelho a defasagem não pode ultrapassar um ano. Nesta situação está presente a instância do imaginário, da relação dual, pois a criança não toma nenhuma distância em relação ao seu duplo (seja imagem no espelho ou outra criança), há indistinção entre si mesmo e o outro, o corpo do outro é visto como um duplo seu. Aqui se manifesta a alienação do sujeito, efeito que decorre da imago no ser humano, porque é no outro que o sujeito se identifica e se prova inicialmente, na identificação do indivíduo "infans à l'image speculaire le modèle qu'il tient pour le plus significatif, en même temps que le moment le plus originel, du rapport fondamentalement aliénant où l'être de l'homme se constitue dialectiquement" ⁴⁵ (p. 141).

A história do indivíduo se desenvolve através de identificações e o "moi" (eu) é o sistema central dessas formações, ele (o moi) não se confunde com o ser do sujeito, e não se identifica à síntese das funções de relação do organismo, e nem se centra no sistema percepção-consciência, mas o que o caracteriza é sua "função de desconhecimento". Em cada uma das identificações há "une agressivité que la frustration pulsionnelle ne suffit pas à expliquer ... - mais que exprime la discordance qui se produit dans la réalisation aliénante" ⁴⁵ (p. 141). O "moi" aparece desde sua origem marcada por uma relação agressiva, pois "l'agressivité est la tendance corrélatrice d'un mode d'identification que nous appelons narcissique et qui détermine la structure formelle du moi de l'homme et du registre d'entités caractéristique de son monde" ⁴³ (p. 110). Há uma agressividade ligada à relação narcísica e às estruturas de desconhecimento e objetivação sistemáticas que caracterizam a formação do "moi", e a agressividade correlativa à toda identificação alienante inaugura-se no estágio do espelho

quando o indivíduo chega a sua identidade através do outro, onde sua possibilidade de ser está na negação de si mesmo e na afirmação total do outro; esta autodestrutividade, ao admitir o outro com o absoluto, pode se deparar com o recurso oposto, que é o da negação do outro.

A importância do estágio do espelho está em ser a primeira articulação do *moi* e representa o primeiro passo na aquisição de uma totalidade de si mesmo. A criança não tem de imediato a vivência de um corpo unificado, sendo que o percebe como algo fragmentado (*corps morcelé*), como parecem demonstrar fantasias frequentes tanto nos sonhos, como nos esquizofrênicos, fantasias de conteúdo agressivo ou de divisão do corpo. É também o estágio do espelho que dá a regra de divisão entre o imaginário e o simbólico ⁵⁴, ao mostrar que detrás da cena imaginária do espelho e do reconhecimento que se realiza na forma do corpo antecipada como gestalt "se profile déjà la chaîne symbolique et l'ombre du troisième personnage qui pourrait bien être la mort elle-même" ⁶³ (p. 40). Este estágio se constitui no primeiro exemplo da "linha de ficção" na qual o sujeito se constroi, pois o estágio do espelho é o primeiro passo da alienação do homem, que está na identificação do sujeito com outro, sua imagem no espelho. A imagem especular tem um papel formativo sobre o sujeito, por causa de uma prematuração fisiológica que faz com que a percepção visual se antecipe à coordenação motriz, ao lhe permitir o reconhecimento de seu próprio corpo.

O estágio do espelho simboliza a permanência mental do eu (*je*) ao mesmo tempo que prefigura seu destino de alienação; permite pela gestalt do próprio corpo o estabelecimento da relação entre o organismo (mundo interior) e a realidade (mundo exterior) sendo o momento da primeira individuação subjetiva ao constituir o advento de uma unidade e uma subjetividade correlativas a uma primeira localização do corpo. Momento este onde estão implicadas uma ali

enação e uma subjugação do indivíduo ao outro, seja sua imagem, seu semelhante, ou sua mãe. "O estágio do espelho manifesta a importância da imago que consiste sempre em estabelecer uma relação do organismo consigo mesmo, relação operada em cada ocasião por um elemento mediato se trate da imagem, ou posteriormente do símbolo ou do ideal"⁶⁵(p.287). Este estágio, que deve ser compreendido como um tipo de "en cruzilhada estrutural"⁴³, determina o formalismo do eu (moi) que é o de uma relação erótica do indivíduo com a imagem que o aliena de si mesmo, e que está marcada por um "transitivismo" em relação ao outro; e determina também a relação entre o seu moi e os seus objetos. Esse formalismo determina ainda, o despertar do desejo do sujeito através do objeto do desejo do outro, porque é no outro que o sujeito se identifica, e o próprio desejo se constitui pela mediação, pois é desejo de fazer reconhecer seu desejo. "Il y a pour objet un désir, celui d'autrui, en ce sens que l'homme n'a pas d'object qui se constitue pour son désir sans quelque médiation"⁴⁶ (p. 181). Na relação dual que se estabelece no estágio do espelho estão presentes as características de imediatez, indistinção, narcisismo, alienação e agressividade, traços que são da ordem do imaginário. É com a entrada no simbólico que o sujeito ultrapassa a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva, através de uma identificação secundária, como diz Lacan, ao sujeito introjetar a imago do pai do mesmo sexo. Uma vez mais se revela a "função formativa" da imago no processo de identificação que se diferencia do de imitação que é uma forma de aproximação parcial e hesitante, enquanto que a identificação "s'y oppose non seulement comme l'assimilation globale d'une structure, mais comme l'assimilation virtuelle du développement qu'implique cette structure à l'état encore indifférencié"⁴² (p. 89).

Com o Édipo se dá uma transformação radical e universal no ser humano, a passagem de uma relação dual, imediata especular, para a relação mediata característica do

registro do simbólico que se contrapõe ao imaginário. Esta passagem é fundamental ao ser humano pois ã através da estrutura da linguagem e das estruturas sócio-culturais, representada pela família que a criança consegue a delimitação de sua individualidade e subjetividade.

O desenvolvimento do complexo de Édipo se articula em três tempos ^{4º}.

No primeiro tempo, que coincide com a relação dual mãe-criança (3º momento do estágio do espelho), a criança se identifica com quem é objeto do desejo da mãe, ela ẽ o desejo do desejo da mãe. A criança não quer somente o contacto e os cuidados da mãe, deseja ser tudo para ela, e para agradar ã mãe ẽ preciso e suficiente ser phallus, assim a criança se identifica com o desejo da mãe, o phallus. A criança continua então na situação especular, lẽ a satisfação de seus desejos nos movimentos esboçados pelo outro "não ẽ tanto sujeito quanto sujeitado" ^{4º} (p. 86).

No segundo tempo o pai, intervém como "aquele que priva" e isto num duplo sentido, pois ao privar a criança do objeto de seu desejo, também priva a mãe do objeto fãlico. Neste momento se opera, segundo Lacan, uma substituição da demanda do sujeito, pois ao se dirigir ao outro se depara com o Outro do outro, ou seja, sua lei. Se a criança não aceita a privação do phallus da mãe que foi realizada pelo pai, ela conservará uma certa forma de identificação com este objeto, o phallus. É importante notar que o pai "inter-ditor" do segundo tempo aparece no discurso da mãe, ẽ mediado por esta. Neste segundo tempo apesar de menos velado que no tempo anterior, o pai intervém como mensagem para a mãe assim como para a criança, mensagem esta que ẽ uma proibição, um não, que se expressa "em relação ã criança: não te deitarás com tua mãe; e ã mãe: não reintegrarás teu produto" ^{4º} (p. 89). A criança se encontra abalada em sua posição, pois o objeto do desejo da mãe ẽ questionado pela interdição do pai. Este segundo tempo ẽ capital para o ter-

ceiro momento que será o de identificação ao pai.

No terceiro tempo, o pai intervém como aquele que tem o phallus, deixa de ser o pai onipotente que pode privar a mãe do phallus, e reinstaura este como o objeto desejado pela mãe. Este terceiro tempo é essencial para a constituição do sujeito (sujet) pois esta só se completa quando houve a aquisição do Nome-do-pai (metáfora paternal). O Édipo pode se constituir mesmo na ausência do pai, a existência de um pai simbólico depende de que algo responda à função definida pelo Nome-do-pai, e não se em determinada cultura se faça reconhecido o vínculo entre o coito e o engendramento do indivíduo. "C'est dans le nom-du-père qu'il nous faut reconnaître le support de la fonction symbolique"^{46a} (p. 278). Se a mãe dita a lei, ou quando as mensagens do pai só chegam através dela, o sujeito permanecerá identificado ao phallus, e submetido à sua mãe. Se há aceitação da lei, o sujeito se identifica ao pai por ser este quem possui o phallus.

Para Lacan⁴⁸, ao se considerar como o sujeito se introduz na relação de Édipo é importante distinguir os diferentes níveis do que está em jogo no complexo de castração, ou também, as diferentes etapas da identificação com a instância paterna. Esta identificação secundária, como diz Lacan, vai permitir ao sujeito uma individualidade, ao permitir um "remanejamento" identificatório do sujeito, quando este introjeta a imago do pai do mesmo sexo, identificação pela qual é assegurada uma normatividade cultural e uma normatividade libidinal. O complexo de Édipo é o momento em que a criança se humaniza, pois é através dele que se franqueia o acesso à linguagem, ao mundo simbólico da família, da sociedade. A solução do complexo de Édipo se dá quando a castração da mãe é aceita, e o sujeito se identifica com o pai, passagem esta que é a de carência de ser para a de ter. Essa carência de ser, castração simbólica operada pelo pai através da proibição de união com a mãe,

carência criada pela imposição da lei explica a eternização do desejo, que de significante em significante se desloca na demanda. Tem-se de reconhecer a "excentricidade do desejo em relação a sua satisfação" ⁴⁸ (p. 110), o desejo se apresenta como um resíduo irreduzível, resultado da diferença entre a exigência da necessidade e a demanda articulada. O desejo sendo irreduzível à demanda, também o é em relação a um objeto. Pelo desejo não poder se articular numa demanda qualquer é que "se coloca a questão do significante: o phallus é esse significante e, como tal, velado, disfarçado" ⁴⁸ (p. 117).

No terceiro momento do estágio do espelho, que é também o primeiro do Édipo, a criança deseja ser o phallus o desejo do desejo de sua mãe. Este momento é seguido pelas interdições do pai ao impedir a fusão da criança com a mãe e, ao privar um e outro do phallus assinala à criança, sua carência de ser fundamental. Separado de sua mãe pela proibição, a criança deve renunciar à onipotência de seu desejo, ser todo o desejo da mãe, e aceitar a lei que é limitação, e assumir tal carência. Ao aceitar a lei paterna, ao ter acesso ao Nome-do-pai, nomeia o pai, e ao nomeá-lo, nomeia seu desejo (o phallus), e ao nomeá-lo, aliena-o. "O phallus é o significante, por excelência da identidade impossível" ⁴⁹ (p. 125).

O pai, como portador da Lei, como detentor do phallus, é o significante fundamental que deve se articular na dialética do desejo da criança para atingir sua solução através do Édipo "Nul besoin d'un signifiant bien sûr pour être père, pas plus que pour être mort, mais sans signifiant personne d'un ni de l'autre de ces états d'être, ne saura jamais rien" ⁴⁹ (p. 556).

O phallus, como significante, é da ordem simbólica mais precisamente é símbolo de uma ausência, designa a falta de ser. É só com o acesso ao Nome-do-pai que a crian

ça nomeia seu desejo, pois ao ser colocado frente ao objeto de que é privado, o constitui como significante; significante este que representa a relação do sujeito com o significante, designa aquilo que o Outro deseja enquanto que em sua economia de ser real está marcado pelo significante. A castração que não se reduz à ameaça do pai sobre o filho, assume toda sua importância com o reconhecimento da castração da mãe, pois a castração nunca se introduz diretamente. "É no nível do Outro, no lugar em que se manifesta a castração do Outro, isto é, na mãe - e isto tanto para a menina como para o menino - onde se institui o que se chama complexo de castração. É o desejo do Outro o que é marcado pela barra (barre)" ⁴⁸ (p. 113) "O que é necessário reconhecer é a função do phallus, não como objeto, mas como significante do desejo em todos seus avatares. O desejo genital para ser assumido pelo sujeito humano deve ser marcado pela castração... . A solução do problema da castração não está no dilema: ter ou não tê-lo; o sujeito deve primeiro reconhecer que não o é. Sô a partir daqui, seja homem ou mulher poderá normalizar sua posição natural" ⁴⁸ (p. 124).

A castração está ligada a um desejo, e para que este desejo se mantenha é preciso que o phallus tenha passado pela ameaça de castração, pela qual o phallus passa a estar marcado. O essencial da castração está na relação do desejo com sua marca. Esta relação entre o desejo e a marca está em que desde a origem deste, segundo Lacan ⁴⁸, há um vazio que permite que essa marca adquira sua incidência, especial, pois a marca é dada pelo significante, que põe o desejo em relação ao desejo do outro. O phallus sendo um significante, é sô no lugar do Outro que o sujeito lhe tem acesso. "Le phallus est le signifiant privilégié de cette marque où la part du logos se conjoint à l'avènement du désir ... qu'il ne peut jouer son rôle que voilé, c'est-à-dire comme signe lui-même de la latence dont est frappé tout signifiable, dès lors qu'il élevé (aufgehoben) à la

fonction de signifiant" ⁵⁰ (p. 692).

A mãe ao reconhecer a lei, na palavra do pai, permite à criança ter acesso à metáfora paterna, ou seja, o pai como a autoridade que estabelece a cisura mãe-criança. A criança ao aceitar a castração, como o ato simbólico do pai, escapa à identificação com a mãe, à relação dual, difusa entre si e o outro, à que estava submetida, para com o acesso ao simbólico e através da linguagem encontrar o significante originário de si, atingindo assim sua individualidade. Será então capaz de operar sobre as coisas, nomeá-las, colocar-se frente às coisas em relação de exterioridade. Ao nomeá-las se distancia e as distingue de si mesmo, e distingue a coisa daquilo que a substitui (o símbolo). Mas, se é na "réseau du signifiant où il faut que la sujet soit déjà pris pour qu'il puisse s'y constituer: comme soi, comme à sa place dans une parenté, comme existant, comme représentant d'un sexe, voire comme mort", ao mesmo tempo "le sujet disparaît sous l'être du signifiant" ⁵¹ (pp.704-9). É o phallus que tem a função de significante da falta de ser que determina no sujeito sua relação ao significante de que a mais fundamental "étant l'Urverdrängung sur laquelle Freud a toujours insisté, soit la reduplication du sujet que le discours provoque ..." ⁵¹ (p. 710).

"C'est ainsi que se produit une condition de complémentarité dans l'instauration du sujet par le signifiant: laquelle explique sa Spaltung et le mouvement d'intervention où elle s'achève.

A savoir:

1. que le sujet ne désigne sont être qu'à barrer tout ce qu'il signifie, comme il apparaît en ce qu'il veut être aimé pour lui même, mirage qui ne se réduit pas à être dénoncé comme gramatical...

2. que ce qui est vivant de cet être dans l'urver

drängt trouve son signifiant à recevoir la marque de la Verdrängung du phallus (par quoi l'inconscient est langage).

Le phallus comme signifiant donne la raison du désir" ⁵⁰ (p. 693).

O Édipo está vinculado não só ao acesso à cultura (ao aceitar a lei do pai) ou ao acesso à linguagem, mas está principalmente ligado à própria constituição do sujeito (sujet). A criança que se identificava ao phallus (o significante do desejo da mãe) pelo acesso à metáfora paterna abandona essa posição imaginária, acedendo à lei pela qual passa a ter um phallus ou a possibilidade de receber um phallus. Não mais se confundindo com o objeto do desejo, a criança atinge seu próprio desejo, de acordo com a ordem estabelecida pela lei. A passagem de ser (o phallus) a ter (o phallus) operada pela identificação ao genitor, realiza a Spaltung do sujeito, ou seja, ao abandonar o desejo de ser phallus, o desejo de ser todo o desejo da mãe é reprimido, e substituído por aquilo que o nomeia, isto é, o símbolo. É o Nome-do-Pai que simboliza o desejo, porque o pai é aquele que tem o phallus que é o desejo da mãe.

O phallus é evocado no imaginário do sujeito pela metáfora paterna. A metáfora que é uma substituição de significantes se expressa em ⁴⁹ (p. 557):

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow \left(\frac{I}{s}\right)$$

onde : os S maiúsculos são significantes, x a significação desconhecida e s o significado induzido pela metáfora, a qual consiste na substituição de S a S', na cadeia significante. A elisão de S' é a condição do êxito da metáfora.

Aplicando-se à metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, a metáfora que substitui este Nome no lugar primeiramente

simbolizado pela operação da ausência de mãe.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado do sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Phallus}} \right)$$

O desejo da mãe tem por significante o Nome-do-Pai, enquanto portador do phallus, mas isto é ignorado pelo sujeito, pois a presença significante no Outro, é uma presença geralmente inacessível ao sujeito porque é no estado de reprimida (Verdrängt) como essa presença aí persiste e que insiste em se representar no significado. O sujeito sô atingirá esse significado quando o significante de seu prôprio desejo for o desejo da mãe.

Com o acesso à metáfora paterna, o sujeito tem um significante para seu desejo, tendo acesso assim à linguagem e simultânea e indissolúvelmente se estabelece a divisão entre seu eu "de existência" e seu eu "de sentido". O acesso à ordem simbólica está ligado à repressão primária, (Urverdrängung) que dá origem à "reduplicação que o discurso provoca", pois a linguagem é a condição do inconsciente, é o lugar do outro.

"L'inconscient, à partir de Freud, est une chaîne de signifiants qui quelque part (sur une autre scène, é-crit-il) se répète et insiste pour interférer dans les coupures que lui offre le discours effectif et la cogitation qu'il informe" ⁵² (p. 799).

O inconsciente para Lacan não é coextensivo ao consciente, é sim, aquele sistema que interage com o consciente, ou ainda, a parte do discurso concreto, enquanto "transtrans individual, que é necessário colocar à disposição do sujeito para reestabelecer a continuidade de seu discurso consciente.

Ao discutir o artigo de Laplanche e Leclaire, "O inconsciente: um estudo psicanalítico" ⁵⁷ Lacan coloca sua teoria da constituição do sujeito (sujet) pela linguagem, na qual diz que: "O efeito da linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é causa de si prô

prio, ele carrega em si o verso da causa que o fende" ⁵³ (p. 835). A causa do sujeito é o significante, sem o qual não há sujeito, e se o significante representa o sujeito, o representa para outro significante, ou seja, "nenhum sujeito tem razão de aparecer no real, salvo se aí existem seres falantes" ⁵³ (p. 840).

A causação do sujeito deve ser formulada para Lacan, em duas operações fundamentais: a alienação e a separação.

A alienação "é o fato do sujeito" ⁵³ e decorre de sua relação com o significante, da prioridade do significante sobre o sujeito. Esta prioridade, para Lacan, se explicita no chiste (Witz), onde o significante "joga e ganha antes que o sujeito seja avisado" e mesmo surpreende o sujeito; e o que o chiste põe a descoberto é a divisão do sujeito consigo mesmo, divisão esta que decorre do próprio jogo dos significantes (pela metáfora e metonímia que são, para Lacan, as duas vertentes de sentido).

O registro do significante se institui porque um significante representa um sujeito para outro significante, e porque o significante se produz no Outro faz surgir aí o sujeito do ser que não tem fala (parole) mas ao preço de o congelar. E é por ser o Outro o ponto de partida dessa operação, que a qualifica como alienação.

A outra operação fundamental na causação do sujeito, a separação, deve ser reconhecida, para Lacan⁵³, naquilo que Freud chama de Ichspaltung, e deve-se destacar que no texto onde Freud a introduziu ele a funda não numa fenda (refente) do sujeito mas na do objeto (fálico, principalmente). A forma lógica onde se modifica dialeticamente essa operação é, segundo Lacan, chamado em lógica simbólica de intersecção, ou o produto que resulta da pertinência \bar{a} a e \bar{a} . Essa função ⁵³ modifica-se, no sujeito por uma parte tomada de carência \bar{a} carência, "porque o sujeito vem re

encontrar no desejo do Outro sua equivalência, aquilo que ele é como sujeito do inconsciente. Por esta via o sujeito se realiza na perda onde ele surgiu como inconsciente, pela carência que produz no Outro" ⁵³ (p. 843).

Para Lacan, "Separare, separar, termina em se pa rere, engendrar-se a si mesmo, sendo que o deslizamento do sentido de um verbo a outro se funda em seu comum emparelhamento na função de pars; e para ser pars "il sacrifie - rait bien une grande part de ses int̄r̄ets".

E "Separare, se parare: pour se parer du signifi ant sous lequel il succombe, le sujet attaque la chaîne, que nous avons réduite au plus juste d'une binarité en son point d'intervalle. L'intervalle que se répète, structure la plus radicale de la chaîne signifiante, est le lieu que hante la métonymie, véhicule, du moins l'enseignons-nous, du désir" ⁵³ (p.833).

A relação entre o sujeito e a cadeia dos significantes é a de determinado e seu determinante, pois é ao nível do significante que, para Lacan, se deve colocar a so bredetrminação freudiana. "La subjetivité à l'origine n' est d'aucun rapport au réel, mais d'une syntaxe qu'y engen dre la marque signifiant" ^{46b} (p. 50).

A cadeia dos significantes ou a estrutura do sujeito do inconsciente, que é "uma pura sintaxe" ⁶², é ela borada por Lacan(*) a partir de uma lógica mínima, a lógica do significante, que "é uma lógica geral, na medida em que o seu funcionamento é formal, em relação a todos os

(*) Nota: esta parte do trabalho está baseada em Lacan, "Introduction" in Écrits, p. 44 - 54; e em Navarro Rivas: "A Estrutura do Inconsciente e as Estruturas Inconscientes: um Ensaio de Metodologia em Ciências do Homem" Tese de Mestrado, PUC/RJ, 1974.

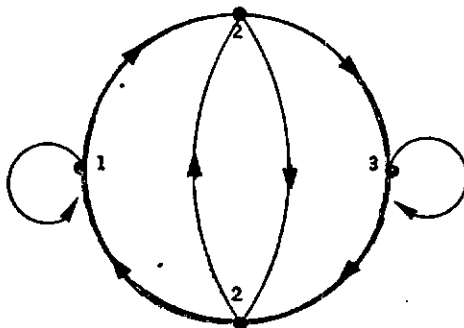
campos do saber, incluindo o da psicanálise que ela rege ao especificar-se nele; lógica mínima na medida em que nela são dadas as únicas peças indispensáveis para lhe assegurar uma marcha reduzida a um movimento linear, que se vai organizando uniformemente em cada ponto de seu percurso necessário" ⁶¹ (p. 211).

Lacan ^{46b} constroi a estrutura do sujeito do inconsciente a partir de uma série que joga com uma única alternativa fundamental, a de presença (+) ou ausência(-) de mãe, elementos da relação simbiótica, pela qual demonstrará a determinação que "o animal humano recebe da ordem simbólica" ^{46b}.

Na diacronia de tal série, simboliza grupos de 3 que se completam por um corte, ao defini-los sincronicamente por: simetria da constância (+++,---), cuja notação é (1); simetria da alternância (+-+,-+-), cuja notação é (3); dissimetria revelada pelo ímpar, sob a forma do grupo de dois signos semelhantes indiferentemente seguidos ou precedidos pelo signo contrário, (+--,--+ ,+-,--+), cuja notação é (2).

Na série constituída por essas notações (1),(2) , (3), há possibilidades e impossibilidades de sucessão. Assim, de um grupo (1), é impossível seguir-se um grupo (3); e de um grupo (3) é impossível fazer seguir um grupo (1).

Essas possibilidades e impossibilidades de sucessão se expressam pela Rede 1-3 ^{46b} (p. 48).



Nesta sintaxe (rede 1-3), as possibilidades de (1) e (3) equivalem às do símbolo (2); pois se (2) pode suceder a (1) ou a (3), (3) não pode suceder a (1) e (1) não pode suceder a (3). Lacan vai redefinir os grupos para obter eventos de mesma probabilidade, para tanto, recombina os elementos dessa sintaxe, saltando um termo da triada, para aplicar ao par resultante uma relação quadrática, e vai definir os novos pares a partir de suas conjugações, sejam diretas ou cruzadas.

Na conjugação direta temos: simetria com simetria, onde temos os seguintes pares [(1)(1)], [(1)(3)], [(3)(1)], [(3)(3)], cuja notação é α ;

e dissimetria com dissimetria: temos o par |(2)(2)|, notado por γ .

Conjugação cruzada: simetria com dissimetria: onde temos os pares, [(1)(2)] e [(3)(2)], notados por β

e dissimetria com simetria: obtendo os pares: [(2)(1)], [(2)(3)], que terão como notação δ .

Esta definição dos pares restaura a igualdade de possibilidades combinatórias entre os quatro símbolos, α , β , γ , δ , o que não se dava na composição anterior. "Pela nova sintaxe vai explicitar como se gera a determinação simbólica e qual a natureza do significante" ⁶² (p. 58).

Esta nova sintaxe que rege a sucessão dos α , β , γ , δ , determina possibilidades totalmente dissimétricas, de uma partição entre os símbolos α e γ de um lado, e β e δ de de outro.

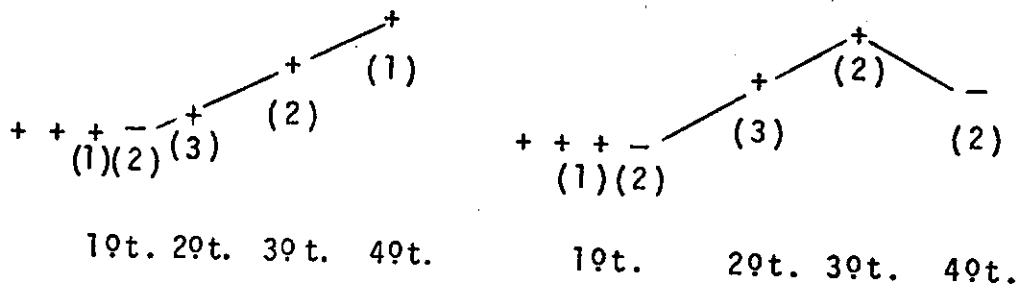
Se, afirma Lacan, qualquer um dos termos α , β , γ , δ , pode suceder imediatamente a qualquer outro, e o quarto tempo pode, igualmente ser atingido, contado a partir de um deles, tem-se que o terceiro tempo constituinte do par está submetido a uma lei de exclusão, que diz que: a par -

tir de um α ou um δ s \bar{o} se pode obter um α ou um β , e que a partir de um β ou um γ s \bar{o} se pode obter um γ ou um δ . O que pode ser escrito da seguinte maneira:

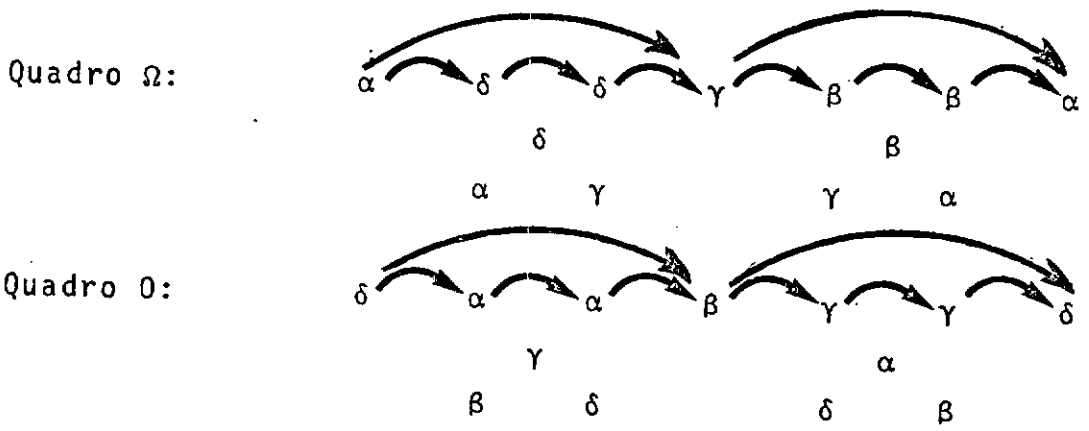
$$\text{Parti\c{c}\~{a}o A } \Delta: \frac{\alpha, \delta}{\gamma, \beta} \rightarrow \alpha, \beta, \gamma, \delta \rightarrow \frac{\alpha, \beta}{\gamma, \delta}$$

1 º tempo 2 º tempo 3 º tempo

Os s \bar{i} mboles compat \bar{i} veis do 1 º e 3 º tempo t \bar{e} m a correspond \bar{e} ncia $\alpha, \delta \rightarrow \alpha, \beta$; e $\gamma, \beta \rightarrow \gamma, \delta$, sendo que a escolha do s \bar{i} mbole do 2 º tempo \bar{e} indiferente, sendo que na orienta $\c{c}\~{a}$ o da s \bar{e} rie (na sequ \bar{e} ncia dos s \bar{i} mboles) a sua liga $\c{c}\~{a}$ o n \bar{a} o \bar{e} revers \bar{i} vel mas \bar{e} retroativa, porque ao fixar o termo do 4 º tempo, o \bar{u} ltimo termo do 2 º tempo n \bar{a} o ser \bar{a} indiferente, como podemos ver em:



Proposi $\c{c}\~{a}$ o: Pode-se demonstrar que ao fixar o 1 º e o 4 º termo de uma s \bar{e} rie, haver \bar{a} sempre uma letra cuja possibilidade ser \bar{a} excluida dos dois termos intermedi \bar{a} rios, e que h \bar{a} duas outras letras das quais uma ser \bar{a} sempre excluida do primeiro termo intermedi \bar{a} rio, e a outra do segundo termo intermedi \bar{a} rio. Estas letras se distribuem em dois quadros Ω e O^{ab} (p. 50).



Os dois quadros são formados, cada um, por duas séries de quatro tempos, onde o último tempo da 1ª série, é o primeiro da segunda série.

Nestes quadros, a primeira linha permite marcar a combinação buscada, a letra da segunda linha, é aquela que esta combinação exclui dos dois tempos intermediários, e as duas letras da terceira linha são, da esquerda para a direita, aquelas que são excluídas do segundo e terceiro tempo, respectivamente.

No quadro Ω , o agrupamento e a ordem das exclusões estão subordinados ao modo direto de conjugação dos símbolos, e no quadro O , ao modo cruzado.

A título de ilustração podemos tomar o quadro Ω^2 . Na primeira série de quatro tempos, a letra excluída do primeiro termo intermediário será α , pois a conjugação de α (1º tempo) com α (2º tempo) tem seus símbolos combinados de modo direto: simetria com simetria. Ao se excluir α , exclui-se a possibilidade da repetição desse termo que poderia cobrir toda a cadeia. "Isto não seria viável em termos da função natural do significante, pois seria admitir a possibilidade da eterna presença de mãe, embora fosse possível em termos de seu uso formal" ⁶² (p. 64). A passagem de β (2º tempo) para γ (3º tempo), é também uma conjugação de ordem direta, onde tem-se uma dissimetria com uma dissimetria. A letra excluída do 2º termo intermediário (3º tempo) será γ . Mas nesse 3º tempo, que é o tempo constituinte do par, tem-se o tempo silencioso ou caput mortuum do significante, pela aplicação da lei da exclusão, que afirma que, no 3º tempo constituinte do par, a partir de um α só se pode obter ou um α ou um β . Para suspender o caput mortuum do significante, para suspender o significante de sua ausência, Lacan diz que basta obrigá-lo a repetir o seu contorno. Neste caso, a conjugação se fará entre γ (3º tempo) e γ (4º tempo) mantida a ordem direta de uma dissimetria a

uma dissimetria.

Assim, no quadro Ω^* , na sua 1^a série de 4 tempos, tem-se que: a letra δ é a excluída dos dois termos intermediários; a letra α é a excluída do primeiro termo intermediário (2º tempo); a letra γ é a excluída do segundo termo intermediário (3º tempo). Tem-se, então, que as letras excluídas (α , γ) dos termos intermediários, ao reproduzirem a ordem dos extremos (α , γ), guardam entre si uma ordem direta.

A demonstração completa da composição, tanto do quadro Ω como do O , estão no trabalho de Navarro Rivas ⁶², sendo que não nos deteremos aqui nesta demonstração. O interesse em colocar aqui essas cadeias, é que para Lacan, elas representam um rudimento do percurso subjetivo. "A sintaxe desse percurso, que dá origem ao sujeito do inconsciente, mostra-nos que ele se funda no passado como logicamente disjunto (tempo de alternância), no futuro em termos de uma ressurreição da morte (ao ser suspenso de sua ausência pela repetição de seu contorno no extremo da cadeia), futuro anterior esse que tem sua atualidade no presente como sujeito subjetivamente silencioso (caput mortuum)" ⁶² (p. 69).

É, também, através das propriedades e insuficiências, que decorrem da construção da rede dos α , β , γ , δ , que se tem a composição do simbólico, o real e o imaginário, porque embora no interior da rede sõ se encontre o simbólico, este "representa de um lado a parcialidade do real, e de outro, o aspecto alienante do imaginário"⁶²(p.70).

As propriedades e insuficiências da construção das cadeias se expressam: pela dissimetria na probabilidade de aparição dos diferentes símbolos da cadeia (pois tanto o α como o γ podem por uma "série feliz do acaso, cobrir toda a cadeia, o mesmo não acontece com β e δ); pelo contraste estrutural entre os quadros Ω e O , que tem o agrupamen

* Ver Apêndice.

to e a ordem das exclusões subordinadas à conjugação de ordem direta e à de ordem cruzada, respectivamente.

As insuficiências da construção da rede desnudam a parcialidade do real para o sujeito, pois esse real apresenta ou presença ou ausência de mãe, e é ao vivenciar essa oposição que "fica apontada a singularidade, a dissemelhança do sujeito. Essa dissemelhança, que marca o lugar excêntrico onde é necessário situar o sujeito do inconsciente, é o puro vivenciar da morte, tempo silencioso. Decorre da presença de mãe vivenciada como universo pleno, contrastando com a ausência, esvaziamento desse universo, levando o sujeito à vivência do zero, da sua não identidade... O ressurgir dessa ausência para a identidade,..., está representado na cadeia pela retomada de seu contorno, na suspensão do *caput mortuum* do significante" ⁶² (p. 72).

A subjetividade que se inaugura no "tempo silencioso", é efeito da cadeia dos significantes, e não sua causa. O sujeito está presente na cadeia como exclusão, mas a sua existência depende da permanência dessa exclusão através de sua representação na cadeia, o que se faz pela suspensão do *caput mortuum* do significante. "Se, como diz Miller, a sucessão dos números se faz por um efeito do zero (como signo do conceito de não-idêntico a si), se consideramos o discurso como uma sucessão de números e atribuímos ao zero a função de sujeito, compreenderemos que o sujeito do discurso é rejeitado pelo discurso como objeto impossível (não idêntico a si) e que a presença desse sujeito se manifesta na repetição e insistência dos significantes" ⁶⁴ (p. XLIX). A atividade simbólica, i. é., a função substitutiva é fundada no início de nossa subjetividade, pela necessidade de preencher o vazio decorrente do tempo silencioso. Mas se o *caput mortuum* inaugura a função simbólica, "o exercício do simbólico na sua função natural" ⁶² só vai se dar com a entrada do indivíduo na ordem simbólica, representada pelas estruturas sócio-culturais e da linguagem; só através do acesso à ordem simbólica é que vai ser possível ao sujeito, o reconhecimento da diferença de sua indi

vidualidade, ao lhe ser atribuído um nome e uma função distintiva na família.

Se é pelo Édipo que o indivíduo tem acesso à linguagem e ao mundo simbólico da família é a mãe que introduz a criança na ordem simbólica, (no 1º tempo do Édipo) e "il n'y a qu'une seule voie par laquelle la mère introduit l'enfant dans l'ordre symbolique, ou um seul sens qu'il peut recevoir en elle, celui qui lui échoit de sa castration à elle, on tant qu'il représente ce qu'elle a perdu, nommément le phallus, et c'est en tant qu'il remplace pour elle cette perte qu'elle s'en contente. Perte de ce qu'elle n'a jamais eu" ⁶⁶ (p. 55).

No 1º tempo do Édipo, em que o desejo da criança é o desejo da mãe, a relação mãe-criança não pode ser vista como a de fusão (a não ser na fantasia), mas como a relação que está sempre mediatizada por uma carência (o phallus). E se na relação com a mãe nenhuma outra significação se produz a não ser a fállica, o sujeito permanecerá numa relação imaginária não atingindo sua subjetividade. Assim, é necessário que no decorrer da fase fállica a Lei encontre um suporte onde a função do pai real será uma função mediadora; sendo que o indivíduo acederá à Lei, ao aceitar a sua castração.

O complexo de castração deve ser visto como o tempo privilegiado do acesso ao simbólico, pois é neste registro, (o da ordem simbólica) que masculinidade e feminilidada ganham sentido, e é no tempo da castração onde se realiza a instauração do sujeito a partir de sua confrontação com a realidade dos sexos. "Ao designar a universalidade do processo de castração como a única via ao acesso do desejo e da normatização sexual, Freud não fazia outra coisa se não manter a prevalência da ordem simbólica a todo advento subjetivo. ... Freud indica claramente que a questão que ele busca através deste tempo da castração é a do modo de representação de uma carência, em que o sujeito se encontra

suspenso em sua relação com o desejo: donde o caráter traumático, inassumível desta percepção e da profunda fenda na qual ela institui o sujeito" ⁵⁵ (p. 81, 76).

Pelo Édipo, ao reconhecer a Lei, a criança aceita a castração, não ser o objeto do desejo da mãe, não ser o phallus, e esta aceitação da separação da mãe é a "dívida", para ser "si mesmo", para ter sua individualidade. A criança ao simbolizar o pai real atingindo a metáfora paterna, coloca a sua disposição o significante de si mesmo, a sua singularidade. Aceitando a Lei, e não mais se identificando como o desejo do outro, o sujeito atinge seu próprio desejo, ao passar do registro de ser (o phallus) ao de ter (um desejo formulável numa demanda).

A constituição do sujeito através do Édipo, ao proibir a união dual com a mãe afasta para o desconhecimento o desejo original do sujeito, sendo este substituído pelo símbolo, o qual vai distanciar o indivíduo do imediatamente vivido. O acesso ao simbólico está indissolúvelmente ligado à repressão primária (Urverdrängung) que instaura a duplicação do sujeito ao constituir o sistema inconsciente. A repressão primária (Urverdrängung), é "fenômeno" universal, pois é ela que opera a cisão eu-mundo.

A simultaneidade do acesso à linguagem e a formação do inconsciente, através da repressão primária, ao mesmo tempo que vai permitir que o significado seja mediatizado pela rede de significantes, vai estabelecer dois registros, ou duas ordens (a do significante e a do significado), e interpor entre elas uma barra resistente à significação.

O sistema inconsciente não é coextensivo ao consciente, não há entre eles correspondência ponto a ponto. É uma letra, uma cadeia de significantes, que interage com o discurso consciente e que aparece nas lacunas do texto manifesto através de suas formações: sonhos, lapsos, atos falhos, chistes. "C'est dans la chaîne du signifiant que le

sens insiste, mais qu'aucun des éléments de la chaîne ne consiste dans la signification dont il est capable au moment même" ⁴⁷ (p. 502).

CONCLUSÃO

Desde seus primeiros trabalhos, ^{5, 6, 7, 8}, a atenção de Freud esteve voltada em evidenciar um mecanismo psicogênico na etiologia daquilo que denominou psiconeuroses ^{5, 12, 13}. Assim, diferencia destas as neuroses atuais, pois se a etiologia destas está vinculada a uma disfunção somática da sexualidade, daquelas o determinante é a existência de um conflito psíquico.

Os dois polos do conflito são, sempre, o ego e a pulsão ^{5, 8}, e a defesa é o meio pelo qual o ego tenta solucionar o conflito. A defesa de um modo geral, incide na representação de uma pulsão, representação esta que, para Freud, é composta por dois elementos ^{2, 3}: o representante ideativo e o montante de afeto (quota de afeto). Estes dois elementos vão ter destinos distintos na repressão, sendo que quanto ao montante de afeto Freud elabora, no decorrer de sua obra, diferentes hipóteses. Inicialmente coloca que o destino da quota de afeto (ou simplesmente, o afeto como às vezes afirma) pode ser triplo ^{2, 3}: ser suprimido (coartado seu desenvolvimento), ser transformado em um afeto qualquer, ou ser transformado em angústia. Em outro trabalho ^{2, 4}, afirma que todo o afeto, que sofreu repressão, será transformado em angústia. E finalmente, coloca que é a angústia que causa a repressão, e não o contrário como anteriormente afirmara ^{2, 4}. E se depois da repressão pode haver angústia, esta decorre de um acúmulo de libido não utilizado, e não tem interesse se este aumento deriva da repressão, ou de outro motivo qualquer ^{3, 4}, mas o essencial é que a angústia provoca a repressão.

Desde seu estudo sobre a histeria ⁷, Freud evidencia como o mecanismo básico da defesa, a repressão, operação pela qual o indivíduo procura repelir da consciência representações "incompatíveis", ligadas a uma pulsão. Es-

ta operação é levada a efeito quando a satisfação de uma pulsão, que por si só resultaria em prazer, ameaça provocar desprazer por mostrar-se incompatível com outras exigências e aspirações²³. O sentido próprio da repressão, como mecanismo de defesa pelo qual o ego tenta afastar ou manter afastados da consciência representações desagradáveis, nem sempre foi mantido, sendo que em alguns trabalhos de Freud^{6,23}, o termo repressão foi utilizado numa acepção próxima à noção genérica de defesa. O termo repressão em Freud também é usado para designar o destino da representação, que é afastada da consciência ou impedida de ter acesso a ela; esta acepção está presente em Freud desde seus estudos sobre a histeria⁷.

É em seu artigo de 1915, "Repressão" ²³, que Freud precisa a repressão como "consistindo essencialmente em afastar e manter afastado da consciência determinados elementos", e especifica três momentos:

- Repressão primária (primitiva ou originária) (Urverdrängung),
- Repressão secundária (propriamente dita ou posterior)(Verdrängung),
- Retorno do reprimido.

A relação entre reprimido e inconsciente que esteve presente na obra freudiana, vai receber grande atenção no trabalho de 1915, "O Inconsciente" ²⁴, em que Freud coloca a necessidade de especificar o sentido dos termos inconsciente e consciente. Neste trabalho Freud propõe a distinção entre inconsciente e consciente, como qualidades ou estados, e inconsciente e consciente como indicação da pertinência a um sistema. Num sentido descritivo, tem-se como "conteudos" inconscientes, aqueles incapazes de consciência e outros que estão não atualmente conscientes, mas que são capazes de consciência; como "conteudos" conscientes aqueles que estão atualmente conscientes. A estes diferentes "estados" corresponde a pertinência a distintos sistemas: ao sistema inconsciente (Ics.) pertencem os conteúdos inca-

pazes de consciência; ao sistema Pcs. (Cc.) os conteúdos não atualmente conscientes e os que estão conscientes. A passagem de uma representação do sistema Ics. ao sistema Pcs. (Cc.) se opõe uma resistência, que se expressa pelas anticatexes do ego. Para explicar como uma representação que pertence a um sistema passa a pertencer a outro, Freud elabora três hipóteses²⁴, pelas quais também vai explicitar como se dá a repressão, pois esta implica ou na passagem de uma representação do sistema Pcs. (Cc.) ao Ics., ou em impedir que uma representação do sistema Ics. passe ao sistema Pcs. (Cc.).

A primeira hipótese, chamada por Freud de topográfica, vai ver a passagem de um sistema a outro como implicando novas inscrições.

Esta vai ser abandonada em favor da segunda hipótese, a funcional, em que essa passagem vai ser atribuída a diferentes estados de catexe.

E, finalmente, Freud a partir do estudo da esquizofrenia, vai elaborar outra hipótese na qual as representações (Pre.) conscientes e inconscientes vão integrar, as primeiras, a representação de objeto (Dingvorstellung) e a representação de palavra (Wortvorstellung, Sachvorstellung), enquanto que as segundas (as inconscientes) são a representação de objeto (Dingvorstellung). Nesta hipótese a consciência vai ser vista como decorrente da hipercatexação resultante da ligação entre a representação de objeto e a representação de palavra.

Se, pela primeira hipótese, a repressão (Verdrängung) se explica por uma inscrição de uma representação, que pertence ao sistema Pcs. (Cc.), no sistema Ics; na segunda hipótese, a repressão é vista como retirada de catexe Pcs. (Cc.) e recebimento ou manutenção da catexe Ics. Mas para explicar como uma representação catexada a partir do sistema Ics. não tem acesso ao Pcs. (Cc.), Freud vê a necessidade de postular a existência de uma anticatex

xe a partir do sistema Pcs. (Cc.), a qual mantêm a repressão. Enquanto na terceira hipótese a repressão é vista como consistindo essencialmente em negar às representações reprimidas "a sua tradução em palavras" ²⁴ (p. 1067).

Ao mesmo tempo, Freud vê que a repressão (Verdrängung) só pode ser entendida a partir da conjugação de duas forças: uma de repulsão e outra de atração ^{23, 15}. O polo de atração às representações a serem reprimidas vai se constituir através da repressão primária (Urverdrängung), e que é o primeiro momento da repressão (Verdrängung), e a partir da qual esta se torna possível. A importância da repressão primária (Urverdrängung) está não só em possibilitar a repressão secundária (Verdrängung) mas principalmente por estabelecer a cisão consciente inconsciente.

Apesar da importância primordial da repressão primária (Urverdrängung) para a constituição do indivíduo, ao lhe permitir a cisão eu-mundo, esta não recebe na obra freudiana um estudo detalhado, ou específico ou preciso. Embora em um de seus trabalhos ³⁴, Freud coloque a importância desta por ser quem estabelece a cisão entre os sistemas Ics. e Pcs. (Cc.), diz que o conhecimento sobre o assunto é insuficiente. Em síntese pode-se dizer, que na concepção freudiana a repressão primária (Urverdrängung), ao fixar uma pulsão a uma representação, ao mesmo tempo que permite que essa pulsão se inscreva no psiquismo, também estabelece a existência do sistema Ics. separadamente do Pcs. (Cc.) pois são essas representações que compõem o sistema Ics.

Lacan retoma o tema freudiano da repressão primária (Urverdrängung) dando-lhe uma formulação original, e é a partir da repressão primária (Urverdrängung) e da fixação simultânea de um representante representativo constitutivo do inconsciente, que ele chega a sua tese revolucionária: a da simultaneidade do acesso à linguagem e da constituição do inconsciente. É através da repressão pri-

mãria (Urverdrängung) que o indivíduo ao atingir o significante de si mesmo, estabelece a distinção eu-mundo, se diferencia do outro, consegue sua individualidade.

Lacan, a partir da formulação de Freud²⁴, que vê as representações conscientes como decorrentes da junção da representação de objeto e a representação da palavra, e as representações inconscientes como abrangendo somente as representações de objeto formula o inconsciente como "cadeia de significantes", onde não há distinção precisa entre significante/significado, onde há um deslizar constante do significante sobre o significado (o processo primário de Freud, deslocamento e condensação).

Enquanto que no sistema consciente há essa distinção, sendo que a consciência implica na significação, na união de um significante e um significado. Pela repressão secundária (Verdrängung), com a não tradução em palavras de significantes que permanecem inconscientes se fortalece a barra divisória do algoritmo saussureano $\frac{S}{s}$, barra esta que se constitui com a repressão primária (Urverdrängung) e que se mostra resistente à significação.

Com a repressão primária (Urverdrängung) o indivíduo atinge o significante de si mesmo, deixa de ser o desejo do outro, se diferencia do outro, atinge sua própria individualidade. Essa identidade, ser um, diferente do outro, é conseguida quando o sujeito aceita a castração simbólica, operada pela Lei, quando o indivíduo tem acesso à metáfora paterna, o Nome-do-Pai. Aceitar a castração, não mais se identificar com o desejo do outro, renunciar a ser phallus, é a "dívida" que é paga para ingressar na ordem da cultura, da família. É só através da ordem simbólica que o indivíduo vai ultrapassar a relação imaginária dual, e ter ingresso no mundo do humano.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALTHUSSER, L. "Freud e Lacan", in Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos, Portugalia Editora, Lisboa, (1967), pp. 229-255.
- 2 - BARTHES, R. Elementos de Semiologia, Editora Cultrix, São Paulo, 3ª Edição, (1964).
- 3 - BENVENISTE, E. Problèmes de Linguistique Générale, Éditions Gallimard, Paris, 1ª Edição, (1966).
- 4 - FAGES, J.B. Para Compreender Lacan, Editora Rio, Rio de Janeiro, (1974).
- 5 - FREUD, S. "Las Neuropsicosis de Defensa: Ensaio de una Teoría Psicológica de la Histeria Adquirida, de Muchas Fobias y Representaciones obsesivas y de Ciertas Psicosis Alucinatorias" (1894), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. I, pp. 173-179.
- 6 - FREUD, S. "Manuscrito H: Paranoia" (1895), In Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. III, pp. 684-689.
- 7 - FREUD, S. "La Histeria" (1895), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. I, pp. 25-145.
- 8 - FREUD, S. "Manuscrito K: Las Neurosis de Defensa (Un Cuento de Navidad)" (1896), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. III, pp. 716-724.

- 9 - FREUD, S. "Carta nº 52, de 6-12-1896", in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.III, pp. 740-747.
- 10 - FREUD, S. "La Sexualidad en la Etiología de Las Neurosis" (1896), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.I, pp. 146-157.
- 11 - FREUD, S. "Los Recuerdos Encubridores" (1896), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.I, pp. 157-167.
- 12 - FREUD, S. "La Neurastenia y la Neurosis de Angustia: Sobre La Justificación de Separar de la Neurastenia Cierta Complejo de Síntomas a Título de Neurosis de Angustia" (1896), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. I, pp. 180-191.
- 13 - FREUD, S. "Nuevas Observaciones sobre las Neuropsicosis de Defensa" (1896), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.I, pp. 219-230.
- 14 - FREUD, S. "Sobre Psicoterapia" (1905), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.II, pp. 396-402.
- 15 - FREUD, S. "La Sexualidad Infantil" (1905), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.I, pp. 789-805.
- 16 - FREUD, S. "La Sexualidad en la Etiología de Las Neu

- rosis" (1905), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968) Vol.I, pp. 939-943.
- 17 - FREUD, S. "Esquema del Psicoanálisis" (1910), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.II, pp. 101-150).
- 18 - FREUD, S. "El Psicoanálisis Silvestre" (1910), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.II, pp. 407-410.
- 19 - FREUD, S. "El Porvenir de la Terapia Psicoanalítica" (1910), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp. 402-407.
- 20 - FREUD, S. "Recuerdo, Repetición y Elaboración" (1914), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.II, pp. 437-442.
- 21 - FREUD, S. "Historia del Movimiento Psicoanalítico" (1914), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp.981-1012.
- 22 - FREUD, S. "Los Instintos y sus Destinos" (1915), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.I, pp. 1035-1045.
- 23 - FREUD, S. "La Represión" (1915), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol.I, pp. 1045 - 1051.

- 24 - FREUD, S. "Lo Inconsciente" (1915), in Obras Comple
Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968)
Vol. I, pp. 1051-1068.
- 25 - FREUD, S. "Resistencia y Represión" (1916), in Obras
Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Ma-
drid, (1968), Vol. II, pp. 298-306.
- 26 - FREUD, S. "El 'Yo' y el 'Ello'" (1923), in Obras Com
pletas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid,
(1968), Vol. II, pp. 9-30.
- 27 - FREUD, S. "La Organización Genital Infantil" (1923),
in Obras Completas, Editorial Biblioteca
Nueva, Madrid, (1968), Vol. I, pp. 1195 -
1197.
- 28 - FREUD, S. "Neurosis y Psicosis" (1924), in Obras Com
pletas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid,
(1968), Vol. II, pp. 499-501.
- 29 - FREUD, S. "La Pérdida de Realidad en la Neurosis y
en la Psicosis" (1924), in Obras Completas,
Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968),
Vol. II, pp. 504-506.
- 30 - FREUD, S. "Autobiografía" (1925), in Obras Completas,
Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968),
Vol. II, pp. 1013-1042.
- 31 - FREUD, S. "Algunas Consecuencias Psíquicas de la Di-
ferencia Sexual Anatómica" (1925), in Obras
Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Ma-
drid, (1968), Vol. III, pp. 482-491.
- 32 - FREUD, S. "La Negación" (1925), in Obras Completas,

- Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp. 1134-1136.
- 33 - FREUD, S. "Análisis de un Caso de Neurosis Obsesiva" (1925), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp. 715-751.
- 34 - FREUD, S. "Inhibición, Sintoma y Angustia" (1925), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp. 31-72.
- 35 - FREUD, S. "Psiconálisis y Medicina (Análisis Profano)" (1926), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp. 843-878.
- 36 - FREUD, S. "Fetichismo" (1927), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. III, pp. 505-509.
- 37 - FREUD, S. "La Angustia y la Vida Instintiva" (1932), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. II, pp. 916-930.
- 38 - FREUD, S. "Análisis Terminable e Interminable" (1937), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. III, pp. 540-572.
- 39 - FREUD, S. "Esquema del Psicoanálisis" (1938), in Obras Completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, (1968), Vol. III, pp. 1011-1062.
- 40 - FREUD, S. "La Escisión del Yo en el Proceso Defensivo" (1938), in Obras Completas, Editorial

- 41 - JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação, Editora Cultrix, São Paulo, 2ª Edição, (1970).
- 42 - LACAN, J. "Au-delà du Principe de Réalité" (1936), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 73-92.
- 43 - LACAN, J. "L'Agressivité en Psychanalyse" (1948), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 101-124.
- 44 - LACAN, J. "Le stade du Miroir comme Formateur de la Fonction du Je" (1949), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris (1966), pp. 93-100.
- 45 - LACAN, J. "Introduction Théorique aux Fonctions de la Psychanalyse en Criminologie" (1950), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 125-149.
- 46 - LACAN, J. "Propos sur la Causalité Psychique" (1950), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 151-193.
- 46a - LACAN, J. "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse" (1953), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 237-322.
- 46b - LACAN, J. "Le Séminaire sur 'la Lettre volée'", (1953), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 11-61.
- 47 - LACAN, J. "L'Instance de la Lettre dans L'inconscient ou la Raison Depuis Freud" (1957), in

Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 493-518.

- 48 - LACAN, J. Las Formaciones del Inconsciente, (1957 - 1958) Ediciones Nueva Vision, Buenos Aires, (1970).
- 49 - LACAN, J. "D'une Question Préliminaire à tout Traitement. Possible de la Psychose" (1958), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 531-583.
- 50 - LACAN, J. "La Signification du Phallus" (1958), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 685-695.
- 51 - LACAN, J. "A la Mémoire d'Ernest Jones' Sur la Théorie du Symbolisme" (1959), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 697-724.
- 52 - LACAN, J. "Subversion du Sujet et Dialectique du Désir dans l'Inconscient Freudien" (1960) in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 783-827.
- 53 - LACAN, J. "Position de l'Inconscient", (1960), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 829-850.
- 54 - LACAN, J. "De Nos Antécédents" (1966), in Écrits, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1966), pp. 65-72.
- 55 - LACAN, J. "La Phase Phallique et la Portée Subjective du Complexe de Castration" in Scilli

cet, nº 1, Aux Éditions du Seuil, Paris, (1968).

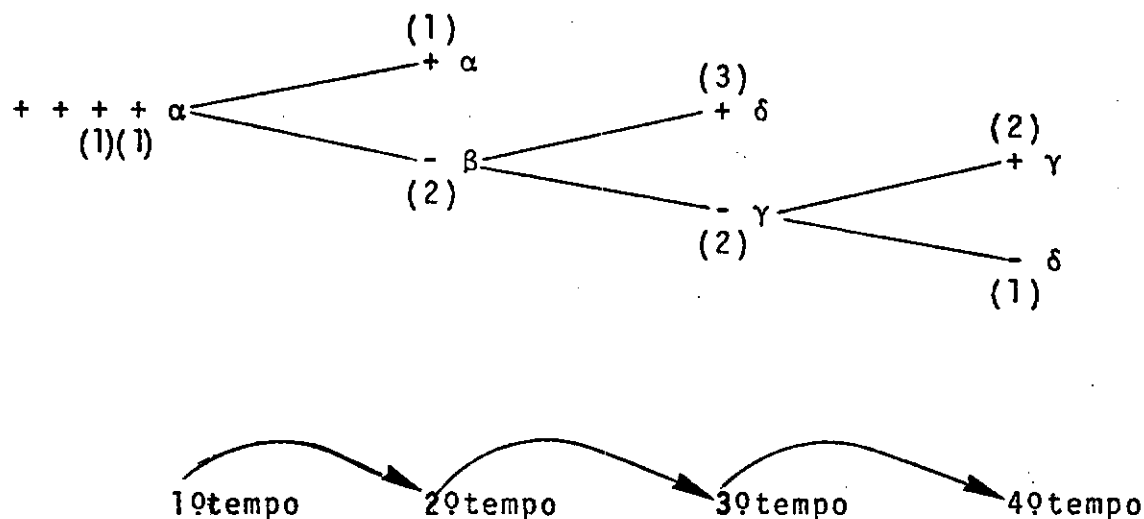
- 56 - LACAN, J. Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, Le Seminaire, Livre XI, (1964), Éditions du Seuil, Paris, (1973).
- 57 - LAPLANCHE, J. e LECLAIRE, S. "O Inconsciente: um Estudo Psicanalítico", in EY, H. O Inconsciente, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, (1969), pp. 111-154.
- 58 - LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - Vocabulário da Psicanálise, Moraes Editores, Lisboa, (1970).
- 59 - LECLAIRE, S. El Objecto del Psicoanálisis, Siglo Veintiuno Argentina Editores S.A., Buenos Aires, (1972).
- 60 - LEPSCHY, G. A Linguística Estrutural, Editora Perspectiva, São Paulo, 1ª Edição, (1971).
- 61 - MILLER, J.A. "A Sutura (Elementos da lógica do significante)", in Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos, Portugalia Editora, Lisboa, (1967), pp. 211-224.
- 62 - NAVARRO RIVAS, C. A Estrutura do Inconsciente e as Estruturas Inconscientes: Um Ensaio de Metodologia em Ciências do Homem, Tese de Mestrado, PUC/RJ, (1974).
- 63 - PALMIER, J.M. Lacan, Le Symbolique et l'Imaginaire, Éditions Universitaires, Paris, (1972).

- 64 - PRADO COELHO, E. "Introdução a um Pensamento Cruel: Estruturas, Estruturalidade e Estruturalismos", in Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos, Portugalia Editora, Lisboa, (1967), pp. I-LXXV.
- 65 - RIFFLET-LEMAIRE, A. Lacan, Edhasa, Barcelona, (1971).
- 66 - SAFOUAN, M. Le Structuralisme en Psychanalyse, Editions du Seuil (Col. Points), Paris, (1973).
- 67 - SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral, Editora Cultrix, São Paulo, 3ª Edição, (1970).
- 68 - STRACHEY, J. "Editor Note" in The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, London, 1968, vol.II, p.10.
- 69 - STRACHEY, J. "Editor Note" in The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, London, 1968, vol.XIX, p. 143-5.
- 70 - VITAL BRAZIL, H. "A Estrutura em Metapsicologia- um Ensaio Crítico" in Psicanálise em Crise (Coleção Conscientia), Editora Vozes, Petrópolis, (1974), pp. 11-30.
- 71 - WOLLHEIM, R. "As Idéias de Freud", Editora Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, (1974).

APÊNDICEQUADRO Ω

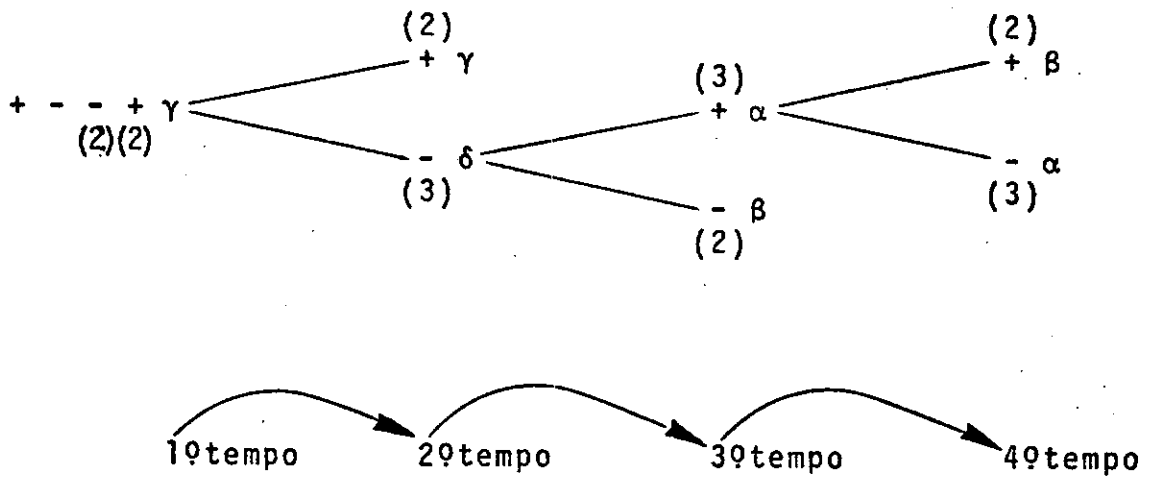
O quadro Ω é constituído por duas séries de quatro tempos, sendo que o último tempo da 1ª série é, também, o primeiro da segunda série; a primeira se inicia por α e a segunda por γ

Quadro Ω : primeira série de 4 tempos:



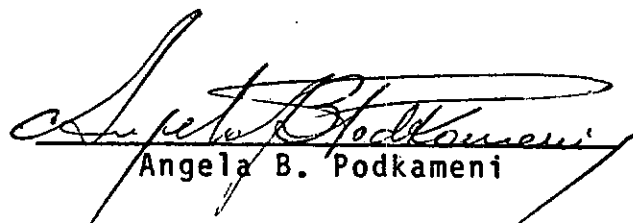
Na primeira série de 4 tempos tem-se que a letra δ é a excluída dos dois termos intermediários, que a letra α e a excluída do 1º termo intermediário (no 2º tempo) e a letra γ é a excluída do 2º termo intermediário (no 3º tempo). Portanto, as letras excluídas α e γ dos termos intermediários ao reproduzirem a ordem dos extremos α e γ , guardam entre si uma ordem direta.

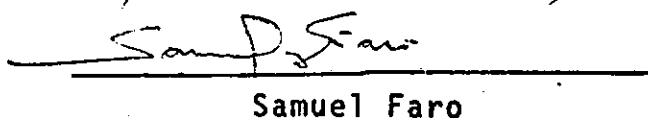
Quadro Ω : segunda s̄erie de 4 tempos

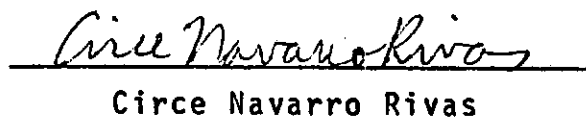


Na segunda s̄erie de 4 tempos, tem-se que a letra β \bar{e} a que est̄a excluída dos dois termos intermediários, a letra γ \bar{e} a excluída do 1^o termo intermediário (2^o tempo), e a letra α \bar{e} a excluída do 2^o termo intermediário (3^o tempo). Assim, as letras excluídas γ e α dos termos intermediários, ao reproduzirem a ordem dos extremos γ e α guardam entre si uma ordem direta.

Tese apresentada no Departamento de Psicologia da
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes pro-
fessores.

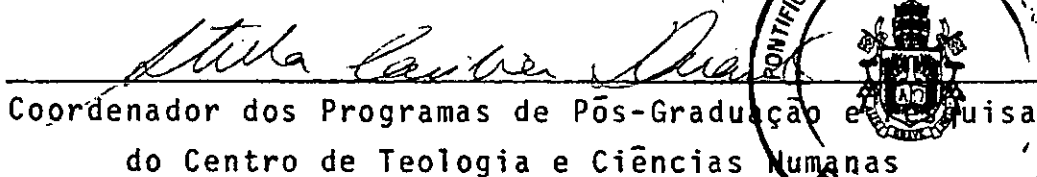

Angela B. Podkameni


Samuel Faro


Circe Navarro Rivas

Aprovada e permitida a impressão.

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1975


Coordenador dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa
do Centro de Teologia e Ciências Humanas

